

Diquinho I

Duração: 1:34:55

D. Eu posso dizer, que eu tenho certeza. Nós tava tentando fazer um filme, um documentário sobre a história do Alemão também, nós mesmos!

P. Ah, que barato! Nós quem?

D. Nós somos um grupo que chama Conselho Popular! Conselho Popular! Porque nós somos socialistas e criamos um grupo aqui na comunidade que chama Conselho Popular. Já tem 3 anos! 3 anos! Então isso, já tem uns 3 anos que a gente criou e funciona aqui em cima da minha laje. Aqui a gente tem um pré-vestibular com todos os professores dando as matérias todas aqui! A taxa é 20 reais, só pra comprar o material com os professores, eles usam no quadro, tinta, agora todo mundo escreve com pilot, ninguém escreve mais de giz, né!? Ninguém escreve mais de giz!

P. Você sabia disso, que ele é da União Socialista...

D. Do Conselho Popular! Conselho Popular nasceu da falta de possibilidade da gente atuar nas associações de moradores. Que antes, eu fui presidente da Associação do Itararé, fui anteriormente 78, diretor da Joaquim e Queiroz e da Grota. Eu moro há 43 anos aqui!

P. Vamo começar do começo, como é seu nome inteiro?

D. Meu nome é Nilton Gomes, mas apelido é Diquinho. Aqui todos me conhece por Diquinho!

P. Quantos anos você tem, Diquinho?

D. Eu tenho 64! E tem 45 anos que moro aqui.

P. Você nasceu onde?

D. Em Minas Gerais, Caratinga!

P. Tem muito mineiro por aqui, né!?

D. Muito mineiro!

P. E você veio sozinho ou veio com seus pais?

D. Veio a família toda! Menos o meu pai né!? Que minha mãe já tava separada, veio minha mãe com outra família que já tava junto com a minha mãe, aí nós viemos bem uns 10 juntos!

P. E foram pra onde primeiro, aqui no Rio?

D. Chegamos, ficamos só 3 meses no Morro do Adeus! Só dois meses, no fim de dois meses, nós já viemos praqui pra trás, onde mora meu irmão!

P. Ali na Alvorada!

D. É, ali! Atrás da Vila Olímpica.

P. Ali você nomearia como? Alvorada?

D. Ali a gente chama de Morro do Itararé, porque tem a Associação dos Moradores do Itararé! Então, é aquela subida até no alto do Alvorada. Até na creche!

P. sei! Aquilo é o Morro do Itararé?

D. Morro do Itararé! Um pedaço da área que a gente denomina Itararé! Por que nasceu esse Itararé? Porque tinha um pedaço que tinha um cara que se chamava seu Zé Vieira, controlava em nome dum oficial do exercito, um capitão, que se dizia representante do dono e que cobrava uma taxa dos moradores pelo uso do terreno.

P. Esse capitão?

D. Esse capitão! Aí até que um dia, teve uma confusão bem grande lá no Largo, lá no alto, em cima, no lado do coqueiro. E nessa confusão nunca mais o capitão voltou que ele quis levar uma pessoa presa e nós não deixamos ele ir preso. Porque tava discutindo lá, uns queria a associação, outro num queria, o capitão, pá, tava ele e uns 4 soldados do exercito. E aquele negócio todo assim e a gente fizemos uma proposta que num tinha

nada que pagar mais nada a ninguém que ninguém tinha que comprovar documentação de que era dono... a gente vivia sob a ditadura militar, e eles iam explorar morro. Porque até hoje nós não sabemos...

(Interrompe pra fazer contar 3:50).

P. 67 que você chegou aqui!

D. Foi isso mermo, carnaval de 67!

P. Então, você tinha quantos anos?

D. Ah, eu cheguei, eu tinha 19, 19 pra vinte.

P. E você morou no Morro do Adeus um tempinho...

(sobre gravador 4:13)

P. Dois, três meses. Com vinte anos?

D. É, 20 anos!

P. Aí, depois que você foi ali pra...

D. Com 20 anos mermo!

P. E como é que foi essa passagem pra lá? Vocês alugaram uma casa?

D. não! É que aqui, aquela área ali num tinha casa! Tava cheio de capim ainda, o morro!

E aí, tinha um tal de seu Geraldo que dizia que também representava num sei quem e que vendia posse ali. Posse!? Dava um dinheiro a ele, ficava livre pra fazer o seu barraco!

P. Seu Geraldo!?

D. É! Depois nos descobrimos que ele num era dono de nada não. Ele tava só explorando também...

P. Era um dono do pedaço!

D. É!

P. Ele tava explorando aquilo ali também!

D. É!

P. Porque tinham vários, né!? Eu to identificando isso..

D. Tinha vários mas com relação ao Itararé, foi só esse. Depois dele, apareceu o Capitão!

P. Depois do seu Geraldo, vocês já tavam mais pra lá...

D. A gente já tava pra lá, já tinha feito o barraco de pau a pique, a gente já tava lá e aí apareceu o Capitão que diz que representava a família tal que se dizia dono.

P. Qual família? Veiga?

D. Veiga! Da Veiga! E ele se dizia representante da família, tal!

P. Como é que é o nome do capitão, você lembra?

D. Não, num me lembro não! Sei que desse lado aqui, onde é a escola Tim Lopes, antiga Poesí, ali num tinha casa nenhuma. Até antes da Poesí num tinha casa! A Poesí que ocupou ali!

P. Num tinha casa nenhuma?

D. Num tinha, nunca teve morador ali daquele lado!

P. (Sobre os barracos da dona Bidú que Dona Marina foi morar 5:56)

D. Mas é ali, naquele cantinho da subida, do lado esquerdo. Ali, por exemplo, onde que tá aquele comércio ali, agora, o shoppingzinho ali. Aquilo é abaixo do shopping, mais por perto da rua. Por ali tinha tipo, num é uma vila, um quintal cheio de casas, de barracos. Tinha muita árvore, quando nós chegamos ainda tava lá!

P. Barraco de madeira ou pau a pique?

D. Pau a pique! A maioria fazia mais de pau a pique do que de madeira. Era mais de pau a pique do que de madeira. Ela morava lá mesmo! A dona Orina morava. Que as netas dela tá só lá no morro agora. A Irene, a mãe da Irene. A Irene já morreu. Dona Orina já morreu também. A Cássia tá lá! A Cássia é filha da Irene! Aí, então Dona Marina, dona

Marina já tinha Roberto, Renato, os filho, mas era tudo pequenininho. Eles eram tudo pequenininho! Eles agora tão com 40 anos todos eles, 40, 50 já alguns... O Roberto eu acho que tá com 50 anos. Filho da Dona Marina. É o mais velho.

P. E ela me falou que alugava de uma tal de dona Bidu.

D. Essa dona Bidu eu num conheci não!

P. Pois é, e que depois chegou o Capitão e mandou eles saírem de lá, que ia derrubar tudo, aquilo lá era uma área dele. Que ela fosse pra Alvorada.

D. Aí, foi mais pra cima, então. Ela foi lá pra... ela morou nos fundos da casa do meu irmão! Agora! Até hoje, toda vida!

P. Camilo?

D. É, o Camilo!

P. Ela morava ali?

D. Ela mora! Dona Marina. Ela mora nos fundos da casa do meu irmão. E eu morei naquela casa lá 30 anos também! Moro aqui há 10! Nove anos...

P. Se transferiu aqui pra Baiana...

D. Aqui eu comprei! Que aqui era um vila, era um quintal particular. Aí o filho do dono loteou, vendeu pedacinhos. Ai a gente comprou. Era um quintal de uma casa legalizada.

P. Da família o que? Drummond?

D. Não!

P. Você sabe qual é a família?

D. Acho que é do seu Aroldo. Seu Aroldo... mas num tem nada a ver com Drummond não! Não, não... Drummond é Luizinho!

P. Pois é, porque a gente descobriu que essa parte aqui da Baiana tinha uma família Drummond. Tá lá na prefeitura que tinha um lote grande aqui atrás.

D. Eu num sei disso ainda não...

P. Era um lote grandão aqui! E por isso que eu to perguntando se esse pedaço da Baiana era também.

D. Não! Aqui, eu sei que o dono, o filho dele, arquiteto e tal, o Cláudio, o pai dele se chamava Aroldo e faleceu... os irmão dele tão até aí ainda..

P. Então, quer dizer que esse capitão chegou...

D. Lá no Itararé!

P. Isso ele deve ter chegado, quantos anos você tinha?

D. Ele chegou, eu tava com uns 20 e poucos, 23 anos...

P. Então foi mais ou menos anos 70..

D. 70!

P. Plena ditadura militar!

D. Plena ditadura! O meu irmão foi preso, meu irmão mais velho, foi preso pela ditadura ali na subida do morro!

P. Preso por que?

D. Porque ele era do Partido Comunista.

P. Ah, ele era do Partido Comunista? O Camilo?

D. Não, não... o outro mais velho! Que os bandidos mataram lá em Xerém depois da ditadura! Depois da ditadura ele foi assassinado lá em Xerém, abriu um comércio. Já tava com 66, 60 e poucos anos. Aí chegou dois bandidos pra assaltar ele lá, assim nós soubemos das história. E ele reagia, que ele do caramba também, num tinha medo de arma. Aí foi pro lado dos caras, mataram ele e mataram o cara que tava sentado com ele. Mataram os dois. No dia de São Sebastião, dia 20 de janeiro de 92. Aí, quando eu soube, era meia noite, ligaram. Eu tive que ir pra lá de madrugada, pra Caxias, descobrir o Instituto Médico-Legal pra poder fazer o enterro no outro dia, tal..

P. Esse que era do Partido Comunista.

D. É! Quando ele, o DOPS veio prender ele uma vez, veio na casa da gente ali no morro. Aí, eu tava numa reunião lá em cima, que a gente tava criando a associação de moradores, em mais ou menos, 70 e... eu num me lembro o ano mais. Mas foi 70 e tal. A gente tava num reunião lá! Discutindo!

P. Quer dizer, o Capitão veio e baixou essa ordem!

D. Só que isso aí, a ordem do Capitão num tem nada a ver, a prisão do meu irmão com o Capitão. O Capitão era um explorador de quem num tinha. Explorador de quem num tinha onde morar. Sabe? Era um bom filho da puta, ele!

P. É, um desaforo!

D. Um bom filho da puta! Porque um capitão, que vem da Zona Sul, pra explorar no morro aluguel de pedacinho de terra!

P. De pessoas com dificuldades..

D. Com dificuldades.

P. E ele estabeleceu esse negócio, tinha um carne.

D. Aí depois o seu Viera ficou, criaram a associação de moradores, seu Viera ficou presidente, seu Viera fez um carnê que a gente pagava a associação mas era lá em Madureira. Já devem ter te contado. Aí pagava lá em Madureira. Pagava a associação, num era aluguel do terreno não.

P. Mas o aluguel do terreno?

D. Aí não! Depois dessa briga do aluguel do terreno, nunca mais ele veio cobrar nada mais..

P. Mas, antes da gente chegar na briga, teve um período que ele chegou aí, ele cobrava aluguel e o que me falaram é que você tinha que pagar. Que tinha um carne que você ia no banco pagar esse carnê.

D. Eu num me lembro disso não!

P. E aí, as pessoas até falaram..

D. Eu num me lembro, eu vou te dizer porquê. Porque num era eu o responsável pela casa. E num era minha mãe também não. Num sei se era seu Neném, quem era da casa responsável por essas taxas, por esses negócios. Que num era o jovem que era. A gente era 10 pessoas numa casa. Eu era um dos mais novos da casa. Então num era eu. Eu já tava era me politizando. Porque quando tinha reunião, eu já ia. (risos). Eu já ia já nas reuniões e tudo já. Mas eu num me lembro desse carnê com eles não! Tem que ser com as pessoas mais antigas do que eu ainda lá no morro!

P. Pois é! Porque mencionara quem tinha um carnê, até que chegou uma hora que o pessoal falou assim: Num tem que pagar esse carnê não!

D. Eu sei que desde esse dia que deu essa confusão lá, que tavam os soldados, num carro do exército, tava com carro do exercito.

P. Ele chegava aqui com carro do exército?

D. Com carro do exército, com soldado e com fuzil! Tava mos 3 soldados com fuzil. Que naquela época, os bandidos andavam de revólver. E os bandidos quando via exército, ninguém chegava perto. Podia ser dois soldados do exército. Tinha nada, nada de bandido. E aí, num tinha muitos bandidos não, os bandidos eram pouquinhos, os bandidos assim, máximo, tinham uns 10. E era de revólver, e como eles usavam revólver, andava escondido pra caramba! E era, o tráfico era maconha! Num tinha cocaína, num tinha outros tóxicos não. Era só maconha! Só maconha. Aí, naquela subida ali que sobre pro Itararé, tinha umas pedreira, uns mato. Ali, às vezes, tinha até assalto. Bandido roubava os morador, relógio. Roubava os relógio dos morador.

P. De revolver na mão?

D. É! Roubava ali! Ali embaixo tinha umas horta, de plantação. No lugar que é a Vila Olímpica tinha um quintalão que tinha até cavalo, tinha ali.

P. Você sabe de quem que era esse quintalão?

D. Não, o dono não! Num sei não! Porque, acho que tinha a ver com a família Veiga. Tinha a ver mas tinha uma casa que o pessoal tomava conta, tem até família aqui na Grotá ainda. Que o Luis, você deve conhecer até ele, um cara que é marceneiro. Num tinha uma marcenaria aqui junto da padaria? Essa primeira padaria aqui, na Boca da Grotá. No meio lá, onde tem uma farmácia lá, num tinha uma marcenaria?

A. da família do seu Natalino!?

D. Seu Aníbal! Natalino não, Natalino é tio do Moises.

P. Esse Aníbal que tomava conta?

D. É, falava que o cavalo era do seu Aníbal, fala: Aquele cavalo lá é do seu Aníbal! Mas essa dona, ela mora aí na Grotá, Dona Ritinha! A Dona Ritinha que morava no terreno e os filhos dela, tão na Grotá ainda.

P. E essa dona Ritinha é parente do seu Aníbal?

D. É, tem a ver alguma coisa.

P. Porque esse seu Aníbal, lá pra trás, parece que ele tinha, ele fazia umas festas que o povo lá de Nova Brasília arrancava de lá pra vim aqui dançar. Isso nos anos 50!

D. É, o pessoal falava negócio de Aníbal mermo. O cavalo do seu Aníbal, num sei o que... o nome bate! Agora, dona Ritinha ainda tá na Grotá! Se vocês procurarem na Grotá, acha ela. O filho dela, o Luis, eu acho o Luis lá no Natalino. O Luis tá sempre trabalhando lá com o Natalino. É filho da dona Ritinha. Tá anotando? Tu acha ele lá na oficina do Natalino, do Nelson, daquela família. Que o pai do Nelson, de Natalino que a gente tá falando, era um dos mais antigos da Grotá, que era seu Nelci. Seu Nelci, quando a associação de moradores, em 78, ela foi fundada em 63, a da Grotá. Aí, os fundadores foi o pai do Paulinho, seu Dodô; foi o seu Nelci; o Osvaldo baixinho, diz que foi também. O Osvaldo você conhece também.

P. É, a gente esteve com ele...

D. Um que é meio gago. Seu Osvaldo...

P. Teófilo também?

D. Teófilo foi presidente. Teófilo foi presidente e foi o primeiro presidente. Mas aí, já tava legalizado a associação. Aí o primeiro presidente foi ele, que foi assassinado na Grotá!

P. Sei! Ele foi assassinado na Grotá?

D. Foi! Pelos bandidos! Os bandidos mataram ele no meio da rua. Assim, no ano que a gente chegou. Foi 67, 66, 67. Ele foi assassinado. Os filhos dele também moram na Grotá! Moram no Grotá. E o colégio lá na Nova Brasília tem o nome dele. Teófilo de Souza Santos.

P. Pois é!

D. Aquele colégio estadual...

P. Porque ele foi parar lá embaixo?

D. Não, porque foi em homenagem a ele, botaram. Até eu perguntei isso! Porque que foram botar o nome do Teófilo lá na Nova Brasília e não na Grotá. Por exemplo, aquela estátua que tem na entrada da Grotá, deviam ter botado seu Teófilo, aí botaram do seu coisa que num tem nada a ver. Seu Ismael simplesmente era um serralheiro, num ajudou na associação de morador, num fazia nada! Eu conheci ele pra caramba. Era um negão alto, fortão, desse tamanho! Dava nada! Falava alto! Ele num dava coisa nenhuma. Vivia ali no Jairo, naquele prédio, ainda vive ali a família. A mulher dele tá lá! Aí, é arrumação política, botaram lá a homenagem pro Ismael que num tem nada a ver, informação de Jorginho. Pelo que eu soube, informação de Jorginho, candidato aí!

P. Sei! Porque era o Teófilo, o Dodô...

D. Quem merecia, na minha opinião, era o Teófilo..

P. Teófilo, Dodô, quem mais?

D. Dodô... tem muitos outros! O Osvaldo sabe o nome de muitos deles. Tem muita gente dentro da Grota que sabe. Sabe mais até do que, porque quando eu cheguei com 20 anos, essas pessoas já tava tudo com 40, 30, 40... eu tava com 20. Então são 20 anos mais velhos e participaram da fundação.

P. Depois você vai me ajudar a lembrar o nomes.

D. Teve o Severino, presidente da associação também, depois do Teófilo...

P. O Severino ainda tá vivo?

D. Não! Já faleceu! Tem outro Severino. Tem outro que foi diretor lá, que a gente derrubou no tempo da ditadura. Porque tinha uma diretoria lá, ele num queria sair de jeito nenhum, num trabalhava e nós fizemos movimento até ter eleição. Tiramos ele.

P. Porque vocês, inicialmente, quando vocês construíram as casas lá em cima, a referência de associação era da Grota?

D. Era da Grota! A da Grota! Era a que, todo mundo... já tinha a do Alemão também. A do Alemão dizem que foi a primeira. Num foi a da Grota a primeira. A do Alemão é antes de 63.

P. Do Eurico?

D. É, o nome é Eurico mas o nome era UDAMA, União de Defesa e Assistência dos Moradores do Alemão. E o Eurico, que depois, como que a gente fala, um cara que tinha uma ideologia e depois muda pra outra? Ele renegou o Partido Comunista, dizem que ele era do PT mas quando eu conheci ele, ele era da Arena, ele já tinha mudado por causa da ditadura.

P. Ele era da Arena e explorava luz aqui de todo mundo?

D. Explorava! Roubava luz aqui embaixo e revendia no morro! Eu concorri contra ele pra presidente da comissão de luz! Eles queria me matar! Queriam, chegaram a me ameaçar e tudo, numa assembleia lá, quando a gente ia falar, botava uma campanha que num deixava ninguém falar. Ligado assim, no botão, Quando eles iam falar, desligava. Quando a gente ia falar, apertava. Aí nós fizemos uma chapa, teve que ir pra justiça! O advogado que me defendeu pra mim ter o direito de concorrer, foi uma luta do caramba. E mermo assim com ameaça de morte e tudo! Se eu ganhasse a eleição, morria

P. Peraí! Isso na Comissão de Luz?

D. Comissão de Luz!

P. Vamo voltar lá pra associação, pra fundação da associação do Itararé. Você tava?

D. Tava! Na fundação, tava! Fui eu que fiz o estatuto da associação. Eu que fiz, eu era diretor da FAFERJ na época, já.

P. Como é que foi essa história, porque você tem muita história pra contar pelo visto!

D. Eu criei da Baiana, o estatuto daqui tem meu nome. Eu que fiz, eu que trouxe o modelo.

P. Ah é!? Você criou da Baiana, do Itararé...

D. Itararé, Morro da Esperança, a do Morro dos Mineiro, só as mais velhas que não, não participei. A do Adeus, da Grota e do Alemão eu não participei.

P. Mas, você chegou aqui com 20 anos e você trabalhava com que?

D. Eu era gráfico, de profissão, gráfico.

P. E como é que você começou a se envolver com política.

D. Por causa de influência do meu irmão, que defendia o socialismo, eu comecei também a entrar nisso e lutar contra injustiça. Eu nunca aceitei injustiça e não aceito até hoje! Nunca aceitei, não. Não aceito até hoje! É tanto, que nosso conselho popular é um conselho que visa conscientizar, politizar, preparar as pessoas pra lutar contra as injustiças. Lutar por uma sociedade justa!

P. Grande Diquinho!

D. Nós temos muita coisa! Se tiver uma divergência de linha, a gente briga por causa da divergência de linha política. Eu desisti dessa política partidária, já fui candidato 3 vezes num quero mais ser candidato porque eu sei que essa democracia é falsa! É uma falsa democracia que a gente vive! Porque ela aparentemente, todo mundo pode concorrer, mas na hora de ganhar só ganha o rico e o filho do rico! O pobre pode concorrer mas ele num tem o direito de ganhar. Então, desisti já com essa crítica.

P. Você é filiado ao PSOL, num é isso?

D. Eu sou, ultimamente. E venho mudando. Eu fui PMDB. Fui MDB, fui PMDB, fui tudo que era oposição, depois eu fui PDT, fui PT, sou PSOL inscrito mas num to mais afim de militar em partido nenhum. A não ser se fosse um partido revolucionário. Se fosse um partido revolucionário, eu to afim de militar mas partido legalizado, tudo garantido aí nessa falsa democracia, eu num quero mais! Num quero!

P. Aí, você começou por influência do seu irmão.

D. É, depois militei em organização de esquerda. Mas eu entrei em 76.. no MR8, eu fui no MR8.

P. E o MR8 circulava por aqui também?

D. Vieram os professores que eram militantes, conheceram a gente e daí que eu me politizei, fui politicamente mais ao socialismo. Aí que eu fui ler Lênin, Marx, tá? Aí que...

P. Isso você tinha quantos anos?

D. Ah, eu tinha 25!

P. Já tinha fundado a associação?

D. A do Itararé já tinha passado. Já tinha passado. Mas aí, eu participei, num tinha influência dessas pessoas ainda. Eu era só influência de casa, que era ajudar a participar das coisas e tal, tal...

P. E era só você e seu irmão, ou todo mundo era militante?

D. Não, eu, meu irmão, minha irmã. Minha irmã! Eu tenho uma irmã, tá até por aí, ainda. Eu tenho uma irmã, eu e meu irmão mais velho. Os outros nunca militaram politicamente não. Todo mundo sabe falar de política mas participar, militar mermo, em defesa da proposta, conhecer o que é o socialismo, o socialismo verdadeiro, falso... esses PCdoB da vida aí, que num tá com nada. Né!? Que tá no governo, ajudando a governar, enquanto a fome tá rolando do mesmo jeito. Desemprego tá rolando... e eles dizendo que são base do governo! Sabe? E a própria Dilma, que foi uma companheira antigamente, militante, ex-presença política, que a gente esperava muito mais do que tá fazendo, cadê a reforma agrária verdadeira? Cadê? Nada disso... então ela enrolou! Quer dizer, é um governo que tapeia o povo com bolsas de alimentação e coisa... deixa muita gente desempregada no morro mas ganha bolsa, num tá nem procurando nem trabalho mais. Quem tem comida, num procura trabalho, sabe? Tem muito disso no morro, sabe? Vivendo as custas de bolsa e essas coisas aí..

P. Quem tem comida, num procura trabalho?

D. Tem muito isso! Tem muito isso no morro!

P. Mas me conta aqui, vamos voltar... Você num lembra da confusão? Um mineiro que é bom, sabe contar um caso. Me conta o caso da confusão!

D. Eu me lembro que eu cheguei... eu num sou muito contador de história não, eu tenho um tio que contava pra caramba, mas eu num sou. Eu me lembro que tinha vez que até enchia a paciência da gente, que ele começava a contar, demorava 3 horas pro caso acabar. E ele voltava atrás e pegava. Se você cortasse, pegava de novo a história! Tio Nezinho! Era o Tio Nezinho, mas eu num...

P. Você num herdou essa coisa do Tio Nezinho...

D. Não!

P. Mas essa confusão da associação, você lembra quantos pessoas, mais ou menos, estavam envolvidas pra poder criar a associação?

D. Ah, tinha muita gente! A praça tava cheia!

P. E foi em função dessa cobrança do Capitão que neguinho se mobilizou?

D. Foi, foi! Não, foi no sentido de que precisava organizar a associação dos moradores. E nessa discussão toda, eles vieram, eu tava recente, recente começando a participar das coisas. Quando eu vi a porrada já tava comendo lá, um senhor que o apelido dele era Coqueiro! Seu Coqueiro com o pessoal que tentaram prender ele. E aí, os morador se juntaram, puxaram prum lado, puxaram pro outro e ele se negou, até botar ele dentro do carro e puxaram tiraram ele de dentro do carro.

P. Quem tentou prender?

D. Do exército, do Capitão! O pessoal do Capitão! Ele era um dos caras que ajudava mas tinha ele, tinha seu Zé Viera, que depois se tornou o primeiro presidente do morro. Só que esse seu Zé Viera também, ele era o presidente, mas ele botou uma bomba d'água e ficava cobrando também taxas além da coisa e depois nós resolvemos dá um golpe político nesse seu Zé Viera. Esse fui eu que articulei! Eu, Renatinho, Renato... que eu articulei, falei com Renato: Renato, vamos fazer o seguinte, a gente – a gente tinha criado uma nova associação, já com registro tudo, mas num tinha jeito de retomar o controle administrativo do negócio, aí quando Renato, a gente fez, ele ia distribuir a conta dele, nós tomamos a dele e mandamos distribuir a da associação e aí ele perdeu o controle do morro todinho. Perdeu!

P. Por conta dessa coisa de que cobrava mais taxa de água..

D. É! Gostavam de cobrar. Porque assim, se você tem uma bomba d'água que manda água pro morro, você pode cobrar uma taxa em cima da manutenção da bomba, dos operários que faz a manutenção dos canos da água, do... um monte de coisa que as associações cobravam antigamente. Hoje num cobram mais não. A primeira não cobrar mais foi a do Itararé, comigo lá! Suspendeu o pagamento, passamos pra Light, falei: Nós aqui num queremos pagar mais não, nada, num temos mais condição! O governo tem que ser responsável por isso... sabe? E ficou, a primeira. Aí, logo depois, a gente já tava na luta para que a Light entrasse direto e acabasse com essa comissão de luz. Aí a Light entrou, foi uma luta também!

P. Como que é essa história de Comissão de Luz, você pode me explicar?

D. Como que ela nasceu? Ela nasceu pelo seguinte, ela nasceu separado das associações de moradores. A comissão de luz, ela não era a associação de moradores. Ela era uma entidade criada que, legalizada também o estatuto no cartório, e com a Light, tinha acordo com a Light, alguma coisa com a Light. Porque ela, praticamente assim, ela comprava a energia da Light e cobrava do morador do morro com 20% de aumento, segundo o que vinha escrito no papelzinho. Vinha com aumento de 20% além do valor da Light. Quer dizer, ainda, o morador do morro ainda tem que pagar 20% mais caro que a Light cobra. Só que ele, muito malandro, fazia um gato na entrada. O que entrada pra eles pagar era pouquinho e o que eles cobrava do morro era um tantão. Era uma... sabe?

P. Então, as comissões de luz eram um negócio!

D. Eram um negócio! Vários presidentes de comissão de luz ficaram ricos. Esse Eurico mermo, tinha dinheiro pra caramba. Dizem que, depois que ele saiu do morro, comprou fazenda.

P. Gente!

D. Ficou rico! Ele foi candidato a deputado na Arena, ligado ao governo na época da ditadura militar. Eurico Quintino da Silva, o nome dele. O nome todo!

P. Num tem ninguém dele mais aí não?

D. Tem, ele deve ter parentes, Lá no meio do morro, bem em cima. Lá perto, onde é a creche agora, era a comissão de luz.

P. Ali era a comissão?

D. onde é a creche, era a comissão de luz!

P. Daqui do morro do Alemão?

D. É! E a ADAUMA que ele também foi presidente, era mais em cima.

P. Era um pouco mais em cima, que continua lá?

D. Continua lá! Com seu Zé presidente atual.

P. É!

D. Que também já tá há 15 anos. Enquanto os meninos dele autorizou, ele fica. Porque antes dele tem o João Alexandre que era melhorzinho, um pouquinho do que ele. Que já faleceu.

P. E aí vocês fundaram a associação. A associação do Morro do Itararé, ela foi criada em?

D. 70 e poucos, 77, 78 eu acho. Por aí, eu num me lembro o ano certo não... Foi 77, 78. Que a daqui da Baiana, foi 80! 1980! Na vinda do Papa! Também deu um problema pra gente ocupar!

P. Como é que foi a ocupação aqui?

D. porque aqui foi o seguinte, os moradores do Morro do Alemão desceram pra ocupar. Era tudo mato!

P. Era 80?

D. 1980! Aí, desceu pra ocupar. Nessa época, eu era direto da FAFERJ, da Federação de Favelas do Rio de Janeiro. Porque a primeira diretoria que eu fui, eu fui lá da associação lá da Grotá. Mas no fim do mandato, houve uma eleição na FAFERJ e no meio dos diretores da associação, me escolheram pra representar a associação de moradores na FAFERJ! Aí, eu entrei na diretoria da FAFERJ, diretor de patrimônio da FAFERJ! Agora eu fui...

P. Peraí, gente! Eu tenho que te organizar Diquinho!

D. Agora, eu fui pra FAFERJ combativa, de esquerda, eu num fui pra nenhuma FAFERJ de direita não...

P. Quando que você entrou na FAFERJ?

D. Eu entrei em, final de 79!

P. Que primeiro você foi pra associação...

D. Da Grotá! Itararé não existia. Existia da Grotá.

P. Você foi participar do que? Que são 13, num é isso?

D. São 13 comunidades, 13 associações.

P. Mas...

D. 13 diretores! Eu fui diretor de patrimônio da Joaquim de Queiroz também! Mas teve uma eleição em 77, 78, na Associação de Moradores da Grotá, era Centro Social Joaquim de Queiroz. Associação de Moradores que eles colocaram aí, foi essa turma que tá aí, agora, que mudou o nome. O Nome que foi criado, fundado, era Centro Social Joaquim de Queiroz. Muita gente na bronca porque mudaram o nome

P. Pois é, teve essa eleição...

D. Aí, 77 a gente fez uma chapa pra concorrer nessa eleição, nós lutamos pra ter eleição!

P. A gente quem?

D. Um grupo de pessoas que nós juntamos e botamos o nome de Grupo de união de moradores, nesse ponto eu já tinha me politizado, já tava bem politizado já.

P. Você num lembra dos seus companheiros, os nomes, assim...

D. lembro! Tinha seu Paulo, tinha Clóvis, tinha Cláudio... esse pessoal da chapa! Eu tenho, tenho documentos com eles aqui! Eu tenho... vou pegar pra tu vê (saí pra pegar o documento, Patrícia pergunta se ele tem fotos 33:18)

D. Tenho a história toda aqui, oh! Toda! Tenho até documento, tenho até jornal velho do Canadá, Noruega... tudo fala em mim. Aqui as entrevistas que eu dei pros jornais. Eleição que eu concorri na FAFERJ.

P. Olha, que maravilha!

D. Que ver, oh... deixa eu ver mais coisa. Aqui a primeira eleição que eu concorri. Não, não... isso aqui, existe a CUFA lá dos caras. A gente teve a idéia de criar a CUFA lá na FAFERJ muito antes deles, desses cara aí que tão na Globo agora, com a CUFA. Isso tem numa base e uns 30 anos! Ah lá, 24 do 11 de 83. Essa CUFA aí desse pessoal é agora, aqui! Foi até uma festa no Grotão da Penha, que a gente fez na quadra. Que eu ajudei a criar a associação de moradores do Grotão da Penha!

P. Da Penha também?

D. Ajudei! Mas aí eu já era da FAFERJ.

P. Mas você ainda não conseguiu me contar como você foi parar na FAFERJ!

D. Participamos da eleição!

P. Quem é que tava no poder e vocês derrubaram?

D. Era o Severino! Que foi depois do fundador. Aí, veio a ditadura militar em 64, o Severino num sei como ele entrou, eu sei que era o Severino, o presidente. E a gente, passou, eu cheguei em 67, desde que eu cheguei, 67, 68, 69, 70, 71, até 76, era ele, Severino! Aí, nós falamos, tá na hora de ter eleição na Grotão! A gente mobilizou morador, queremos eleição, queremos eleição! O presidente não luta pelos nossos interesses e aquele rebu tudo. Aí a gente pedia assembléias e ele num queria dá assembléia de jeito nenhum pra gente, a gente fez um abaixo assinado pedindo assembléia, e fomos entregar lá e eles pegava o abaixo assinado e devolvia, dizendo que não ia aceitar. E...

P. Era assim, era tirania mesmo!?

D. Era! E aí a gente, essa aqui é da primeira chapa. Não, essa foi da segunda chapa. Essa aqui já fui eu presidente. Num ganhei não, mas já fui eu! Essa aqui, quando fundou o morro da Baiana. Foto de morador fazendo barraco. Aqui na entrevista, eu to.

P. (pergunta se pode fotografar 35:55)

D. Você vai fazer o que com isso? Vai fazer livro?

P. Se a gente fizer alguma coisa, a gente avisa. A idéia é fazer sim. Fazer artigo...

D. Porque já outros, num é só eu não, muita liderança de comunidade já deram entrevistas que viraram livros e depois...

P. Num dá retorno nenhum!

D. É, a maioria.. outra entrevista.

P. Não, olha só (explica como faz a pesquisa, as transcrições 36:35).

D. A primeira eleição da FAFERJ, 1979. Que a gente já tava lá! Aqui, a aula que eu dei no IBAM! Eu falo de comunidades, sou recebido pra dá aula.

P. Mas aí, você tava me contando...

D. Debate entre eu e o presidente da FAFERJ. Fui candidato a presidente da FAFERJ, nós fomos fazer um debate na rádio Tupi, Rádio Nacional...

P. Gente, Diquinho do PDT, chapa socialista.

D. Ah, isso aqui é quando eu era presidente do Morro do Itararé, oh! Eu saí no jornalzinho, a voz do conselho. Já tinha a A voz do Itararé primeiro, antes teve a voz do Itararé. Muita coisa!

P. Oh, Diquinho, me conta uma coisa, você que tem todo uma participação política...

D. Analfabeto político é pra se politizar...

P. Quando vocês...

D. Do Brecht.... essa aqui foi a primeira chapa, da Grota...

P. Como que é...

D. Da Joaquim de Queiroz, nessa aí eu fui, primeira não, essa foi a segunda. Na primeira mesmo, eu fui cassado. Na primeira eu fui cassado e eu tive que botar uma outra pessoa no meu lugar porque alegaram que eu não tinha um ano de associado, aí eu num podia ser associado. Aí eu fui cassado, botei seu Nilton no meu lugar mas coordenei a chapa! Aí passou o mandato, eu vim cabeça de chapa na próxima. Aí vim candidato a presidente. Esse cara que era o presidente, pra você vê, ele deixou de ser candidato a presidente e veio de vice meu. Esse, no mandato que eu ajudei na primeira vez. Esse aqui é o jornal que veio do exterior, oh...

P. Olha só, Diquinho, você sabe o que você pode fazer com isso aqui...

D. Aqui foi a primeira eleição que eu concorri pra deputado estadual.

P. Partido?

D. Do PT!

P. Deputado Estadual, que barato! Gente, isso aqui tá precisando sabe de que? Escanear isso aqui, você já fez isso?

D. Deixa pra lá, ainda num fiz não!

P. Sabe por quê? Isso aqui daqui a pouco acaba!

D. Isso aqui é a carta do bispo, me chamando pra um congresso. Dom Eugênio Salles.

P. Pois é, como que era a Fundação Leão XIII aqui?

D. Ah, era uma briga com a gente do caramba!

P. Pois é, isso eu queria saber. Como que ela atuava aqui dentro?

D. Ela vinha, tudo quanto era assembleias, ela vinha, eu queria ver se eu achava uma coisa aqui, da mais antiga mermo...Da chapa mais antiga da associação que tem aqui! Cara, esse documento aqui é da primeira, chapa azul aqui, oh...

A. tá emocionado...

P. Que barato!

D. Esse aqui foi da primeira, primeira! 14 de setembro foi a eleição mas num tem o ano, engraçado. A gente esquecia do ano, a gente só pensava no mês. Foi a primeira chapa. Esse foi o primeiro panfleto que eu escrevi na minha vida! Num tava de bobeira não.

P. Olha, da chapa azul aos moradores da nossa comunidade! Que máximo!

D. Joaquim de Queiroz, Centro Social Joaquim de Queiroz...

P. Olha, deixa eu ler esse manifesto aqui! Nas eleições passadas a chapa azul teve grande participação e influência na mudança que processou-se no Centro Social Joaquim de Queiroz. Primeiro, porque foi seus componentes que vendo a área de nossa comunidade com 6 meses sem água, partiram para a mobilização dos moradores dessas áreas até que houve o desfecho da assembleia geral e das eleições. É dessa eleição que você tava falando agora?

D. Ah, mas pelo que eu to vendo aí, essa foi a que eu já fui candidato, num é a primeira. A primeira o candidato a presidente se chamava seu Paulo Juvenal. Paulo Juvenal. Então, eu ia ser candidato a secretário da chapa. Aí eles me cassaram porque eu não tinha um ano. Essa já foi a que eu fui candidato.

P. Te cassaram por que?

D. Porque isso, a associação diz que só podia concorrer quem tivesse um ano de associado, e eu não tinha um ano. Aí, eu procurei seu Nilson, que tinha um ano de associado, botei no meu lugar e fiquei na coordenação da chapa do mesmo jeito. Num adiantava...

P. Esse foi da primeira vez?

D. A primeira chapa que a gente armou, foi, nós perdemos por 10 votos! Essa chapa primeira, a azul. Essa daqui já foi uma guerra! Teve 5 chapas, com 13 pessoas! Isso aí foi uma guerra! Barata lançou chapa, o seu João lançou chapa, o sogro do Jorginho, a chapa nossa, chapa azul. Tinha chapa verde, amarela...

P. Mas por que tanta chapa? Dava dinheiro a associação?

D. É, num era dinheiro. No meu caso num era. No meu caso... meu caso, mas dava também projeção. Prestígio, projeção... na realidade, eu consegui meu prestígio todinho no movimento comunitário. Tanto da comunidade quanto da FAFERJ. O meu mermo, mais, foi FAFERJ.

P. Porque aí, você concorreu, você ficou como 1º secretário, e foi nessa de secretário que você foi pra FAFERJ?

D. Foi! Porque no fim do mandato, a avaliação dos diretores todo, quem discutia mais, quem tinha mais...

P. Quem era mais afiado...

D. É! Seria um cara indicado, eu num sei também se eles queriam me tirar do meio deles me mandando pra FAFERJ, sabe? Mas eu já queria, porque já tinha companheiros nossos na chapa da FAFERJ. Eu queria de qualquer maneira, porque só tinha companheiro do MR8.

P. Isso foi em que ano, hein!?

D. 78, 79!

P. Nossa, quente!

D. E nós tivemos uma briga com o chaguismo aqui no Rio. Que era o Chagas Freitas, o governador. E ele era, o Chaguismo era um governador imposto pela ditadura, que num tinha eleição e nós fizemos, e eles tinham um grupo nas favelas que dominava a FAFERJ. Nós montamos um outro grupo, que retomou. Igual a gente retomou a associação, teve que lutar pela FAFERJ.

P. Eles se infiltraram na FAFERJ também?

D. Eles estavam, nós é que entramos. Nós é que fizemos uma chapa de esquerda, que a gente chamava a chapa do Movimento Popular! A chapa, a deles não, a deles era conservadora. A nossa era a chapa que se propunha a mudanças, né!? Autêntica! Chapa Autêntica é a nossa chapa que tá vindo agora. A deles é a chapa do chaguismo, conservadora. Então, realmente, eles ficavam quietinhos, não reivindicavam nada, que era assim. Eles aceitaram a ditadura e não tinham coragem. E nós viemos com essa influencia de que era esquerda, o Irineu era o presidente da diretoria do nosso grupo, Irineu do Jacarezinho, famoso! Irineu! Ele agora tá com 82 anos, tá velhinho! Tá até mal... e eu daqui fui, influencia tudo também do MR8. Porque o Irineu também tinha sido do PC, do PCdoB, já tinha passado por esses. Então o Irineu foi, passou a ser o líder desse grupo de retomada das lutas autênticas da FAFERJ. Sabe?

P. Gente, você ainda tem contato com ele?

D. Tenho! Falei com ele anteontem.

P. É mesmo...

D. Eu devo ir na casa dele amanhã, porque ele, a gente tá sempre em contato, nós dois. Nós militamos junto no MR8.

P. Porque aí, você entrou na FAFERJ, aí mais um dado. Você já tava no MR8?

D. Já tava, quando fui...

P. Aqui, quando você entrou de secretário na Grota, você ainda num tava...

D. Eu entrei no MR8 em 75, 76! 76 teve eleição, já fiz campanha do nosso candidato que era clandestino. Ele era clandestino e nós éramos clandestinos aqui também.

Ninguém sabia que eu era do MR8, passei 20 anos! Outro dia aqui na reunião que eu contei pra eles. 'num sei onde que o Diquinho aprende essas coisas pra falar na

reunião...” eles falava lá, na reunião da Joaquim de Queiroz. A diretoria falava, porque eu chegava falava: Questão de ordem! Levantava meu dedinho pra falar, queria falar! Queria meu direito de falar. Que eles eram mais velhos e eu era novo, eles achavam que eu era novo de mais. E eu já tinha 23 anos e tal. Tinha esse problema na comunidade, as pessoas de mais idade é que sabiam das coisas. Os jovens era pra ficar quieto! Podia até ajudar mas quem conhecia eram os velhos. E eles me tratavam desse jeito, eu não aceitava de jeito nenhum. Brigava pra caramba! Debatia pra caramba. E até que eu fui pra FAFERJ e aí, piorou mais ainda pra eles. Porque lá, a formação...

P. Quiseram se livrar de você, mandaram você...

D. A formação lá é bem melhor. Infelizmente hoje, a FAFERJ tá entregue, novamente, a um grupo que num representa nada! Num representa nada! Tá coligada com o prefeito do Rio de Janeiro. Tá ligado lá! A gente foi fazer manifestação lá na porta da prefeitura, ele ficou do lado do prefeito. A gente quase deu tapa na orelha dele lá, do presidente da FAFERJ. Ele alega que num pode fazer nada, porque se ele fizer qualquer coisa, ele tem a perseguição da comunidade, do pessoal do tráfico, então ele num pode fazer nada. Isso é alegação dele mas que num justifica coisa nenhuma. Eu já tive uns pega com ele. De vez em quando eu passo por lá e aí sinto que num tem nada a ver com a FAFERJ do nosso tempo! Que a FAFERJ do nosso tempo participava de comando de greve geral, comando de tudo! Eu botei um caminhão na Rio Branco, no alto do caminhão, ajudando o comando de greve geral!

P. isso quando?

D. em 86. 86 já! Eu era o vice-presidente da FAFERJ.

P. Você lembra, então, bem da atuação da Fundação Leão XIII. Ela foi criada pra fazer frente a atuação do Partido Comunista nos morros do Rio de Janeiro né!?

D. Não, não! Essa afirmação aí num é não! A história que nós temos aí é pelo contrário, por exemplo, o primeiro presidente da FAFERJ, que foi preso, que foi o Mariano, esqueci o nome dele, acho que é Mariano! Ele foi o primeiro presidente da FAFERJ. Ele foi do partidão do PCB, então já num é! Ela num foi criada, a fundação né?! Aí, a FAFERJ tinha um presidente que era do PCB, foi perseguido político e tudo. E a primeira diretoria da FAFERJ, no golpe de 64, foi preso uns 5 ou membros.

P. Pois é, mas a Leão XIII num era uma pedra?

D. A Leão XIII vinha nas comunidades e dizia o seguinte: barraco num pode ser construído com alvenaria. Se for de tábuas, tem que ser reformado com tábuas. É a lei! A lei 3.330, artigo 12, da lei 3330. Tinha uma lei, e o artigo 12 regulamentava a Fundação Leão XIII. A Fundação Leão XIII tinha um conjunto de assistentes sociais que vinham nas associações de moradores dar assistência nas assembleias. Quer dizer, elas vinham como representantes do governo. Elas vinham como representantes do Estado. E, tanto que quando a FAFERJ aparecia, para os moradores, parecia que a FAFERJ também era um órgão do governo. E principalmente do tempo da ditadura.

P. Então, a gente tá concordando. A Leão XIII ela tava ali se infiltrando até numa coisa de...

D. Ela é um órgão governamental.

P. Exatamente! Porque ela foi encapada pelo Lacerda nos anos 60! Num foi isso..

D. Ela foi encapada?

P. pois é, porque ela funcionava antes na igreja, só na igreja. E ela virou uma instituição estatal, do estado, nos anos 60, através do Lacerda, que puxou ela pra dentro, no combate anti-comunista!

D. Ah tá, eu num sei dessa história da fundação não. Da Fundação Leão XIII...

P. Pois é, eu to aprendendo. Por isso eu to te perguntando como que era...

D. Eu sei que a atuação dela, eu briguei muito com as assistentes sociais nos morros. Porque elas chegavam e não queriam deixar as lideranças de comunidade ter uma voz ativa. Que elas chegavam como sabe tudo! Tinha uma que chamava Clotilde, como eu briguei com a Clotilde nesse morro aqui! Morava em Copacabana, ela. Depois que eu soube. Encontrei ela lá em Copacabana depois.. Aí ela disse: Esse aí é brigão pra caramba! A senhora num deixava a gente fazer as coisas do jeito que tinha que fazer na comunidade! A senhora queria fazer do jeito que a senhora queria!

P. assim é?

D. Elas eram assim, eram! Todas as assistentes sociais da fundação! Era assim. E elas tinham, e por exemplo, a briga na favela, grande parte ia pra Fundação Leão XIII resolver. Departamento Jurídico da Fundação Leão XIII.

P. Problema de que?

D. De uma briga de casas, digamos assim: A casa vai ser construída, num vai ser construída! Começa os dois morador brigando por causa da casa! Quando a associação num tinha como resolver, elas fazia um ofício e mandava os dois pra Fundação Leão XIII. Era assim que ela funcionava como um órgão superior que não era! E não era! Num era!

P. Era um fiscalizador, né!?

D. Fiscalizador da...

P. Seu Osvaldo falou que ela vigiava!

D. Vigiava, era mermo!

P. Era isso mesmo?

D. Era isso mesmo!

P. E ela ficou presente ainda...

D. Aí, depois, teve uma época, que botaram de presidente lá o Delio dos Santos. Aí, o Délio dos Santos era uma pessoa que veio do partido de esquerda...

P. Botaram onde, na Fundação?

D. Na Fundação! Ele foi presidente da Fundação Leão XIII!

P. Nossa!

D. Mas aí, botaram o Delio dos Santos como presidente da Fundação. Foi uma época que a Fundação democratizou um pouco melhor!

P. Isso você se lembra a época?

D. Já tava mais...

P. Anos 80, por aí?

D. Já, já era anos 80! Foi! Ele foi candidato a deputado federal em 78. eu acho que foi a mesma época que ele foi presidente. Em 78, ele foi candidato a deputado federal e nós tínhamos um candidato a deputado estadual. E ganhou também! Nosso candidato a estadual foi Raimundo de Oliveira. Você deve conhecer... que também foi uma boa merda no futuro a história dele como cara de esquerda. Decepção... nós dois até num se entende, eu com ele. Eu dia eu fui lá no sindicato, ele é engenheiro, famosão pra caramba aí no Rio né!? Fui lá, ele perguntou prum colega assim? Você tá andando com o Diquinho? Oh, cuidado andando com o Diquinho, hein! Falei: Você tá vendo, você é falso até nisso, Raimundo. Fica aí tentando representar uma categoria... eu caio no pau com ele até hoje. Até hoje! Porque ele, numa organização marxista-lenista, ele começou a ter muita divergência no sentido de num ter aquela responsabilidade, disciplina. Até que deu coisa e ele teve que sair...

P. Aí, você foi pra FAFERJ. Você ficou atuando na FAFERJ como?

D. Na FAFERJ a gente era, olha, a partir da FAFERJ eu já tinha, eu passei dois anos encostado no INSS por um problema de saúde.

P. E você trabalhava em gráfica?

D. Era. Da gráfica, me deu um problema nos pés, tive que operar os dois pés. Aí, nessa época, eu tava indo pra FAFERJ. Aí, como num tinha compromisso com emprego, só tinha compromisso com participação pequena nas coisas... ai emendei já. Nunca mais voltei pra gráfica. Nunca mais voltei pra gráfica.

P. Aí, você ficou na FAFERJ, depois da FAFERJ...

D. Na FAFERJ eu fui candidato, duas vezes, a presidente da FAFERJ. Depois eu fui candidato a deputado estadual em 82. Em 86 eu fui candidato a deputado estadual no PDT, junto com Darci Ribeiro. Eu tive 2700 votos... 2000 só aqui na Grota! Eu tive 2000 votos aí, aqui na Grota! Em 86! O governo era governo Brizola. Aí, eu fui trabalhar no governo Brizola. Fui trabalhar na comissão de assuntos fundiários do Governo Brizola.

P. Pois é, como é que fica?

D. Eu trabalhei na comissão de assuntos fundiários. Ajudei a discutir, encaminhar um monte de coisa de questão fundiária de favela. E naquela comissão de assuntos fundiários, na prefeitura, eu fui membro da comissão de assuntos fundiários durante 4 anos. Aí, ajudei também. Fui pras assembleias todas de comunidade, fazer assembleia. E fazer levantamento de propriedade. Tirar as coisas nos cartórios. As certidões de nada consta e sei lá o que... tirar umas 4 certidões pra ver de quem era o proprietário. Como que tava os impostos, aquela coisa toda né!? Que a comissão de assuntos fundiários, da prefeitura, do governo Marcelo Alencar, fazia levantamento da propriedade que o terreno das favelas ocupava. Principalmente, quando aparecia pessoas querendo remover as favelas. Que Marcelo num removeu favela nenhuma! Nem Brizola! Nem Brizola, nem Marcelo!

P. Nessa política de remoção, você identifica na sua vivência política, que época havia uma política de remoção mais...

D. A mais pesada foi quando a gente estava na FAFERJ, antes de 78. Eu num sei quem tava no governo... era o Chagas Freitas! No Chaguismo tinha remoção. Tinha remoção e a gente que era dessa FAFERJ autentica, ia pras lutas todinhas contra a remoção. Quem era da FAFERJ governamental num aparecia na luta nenhuma. Nem iam lá!

P. Agora, é engraçado porque essa história do dono do pedaço é uma coisa que a gente vai encontrando...

D. É, mas essas na favela mais antiga. Que nas favelas mais moderna, num é mais assim. Junta um grupo de pessoas e ocupa! Faz ocupação, como na Baiana foi assim. Foi uma ocupação de uma vez. Chegou o pessoal daqui, daí do Alemão, veio aqui ocupar. Correram com eles, umas três vezes, a polícia, voltava, saía, voltava. Até que ficou! Ficou!

P. Pois é, isso é muito interessante!

D. Nessa eu tava! Nessa aqui eu tava!

P. A gente tem uma memória muito fraca, né!?

D. Participei total! Até a PM me empurrar, eu caí lá embaixo, num buraco, em cima do morro.

A. Aquela parte lá do outro lado da Baiana, aquela parte verde, que foi invadida recentemente, eu soube que foi uma autorização que eles foram pedir pros caras autorização pra invadir. E, de uma hora pra outra, estava tudo montado.

D. É, mas isso também é um pedacinho pequeno.

A. Mas já tem barraco de tijolo já!

D. Já tá tudo de alvenaria...

(telefone, Diquinho atende 56:47 – 57:03) Patrícia e Assistente falam da ocupação “muita rápida” de parte do Morro da Baiana.

D. Eu fui lá outro dia com o pessoal da Universidade. Pessoal da universidade veio aqui na nossa reunião do conselho...

P. pois é, como é essa coisa do Conselho Popular...

D. A gente, veio um pessoal da área de medicina, que queria fazer uma pesquisa aqui no Complexo do Alemão sobre as doenças que mais aparecem, essa coisa toda. Aí, eu resolvi trabalhar com eles e nós escolhemos aqui a Baiana porque eles tinham pouca gente. Num vou escolher o Complexo do Alemão e nem a Grota também, por causa do tamanho, que eu conheço. É o mundo! Então, eles queriam um lugar menorzinho, então faz aqui na Baiana mesmo. Aí veio uns 8 alunos dela, com a professora. A professora e tudo. A professora veio com eles, eles fizeram a pesquisa. Nós fomos lá, naquele lugarzinho dos barraquinhos novos que os moradores, ainda tão construído. É tudo casa! Na realidade, num tem mais barraco nessas comunidades aqui! Nenhum, nenhuma das 13!

P. E isso acabou na época do Brizola, num foi?

D. Brizola pra cá, de 82 pra cá. É , porque de 82 pra cá, no governo Brizola, acabou essa história da Fundação Leão XIII que vinha com aquele artigo lá que num podia reformar, que sei lá o que... Em área do exercito ainda existe uma lei que proíbe até hoje. Lá no Chapéu Mangueira e Babilônia, aqueles lugar lá em Copacabana, lá tinha mesmo o exercito tomando conta da área lá, porque parece que tem qualquer coisa militar lá por cima também junto. Lá, mas acabou porque também por cima, já construíram tudo de tijolo também. Mas, no governo Brizola pra cá mesmo é que o estado passou a investir também em favela. Primeiro investimento maior no Rio de Janeiro em favela foi no governo Brizola. Porque eles alegavam o seguinte, dizia que quem morasse em favela num pagava imposto. E quem num pagava imposto, não podia receber investimentos de imposto de quem pagava. E nós, eu já fiz milhares de discursos dizendo que é por isso que nós éramos marginais, estávamos a margem da sociedade. Sabe? Então todos que morava nas favelas era marginais, mas marginais não no sentido de bandido. Eram marginas porque estavam a margem da sociedade. Era o... a gente discutia muito isso na época. Governo Brizola, um pouquinho pra trás do governo Brizola, que a gente já tava na FAFERJ, 79 a 82... 79 a 82 a gente já tava na FAFERJ. Tanto que 79 nós fizemos o primeiro encontro estadual de favelas, com 12 mil pessoas no sindicato dos metalúrgicos. Nós fizemos o primeiro encontro estadual de favelas aqui no Rio de Janeiro.

P. E ele que acabou com essa história de barraco de tábua.

D. Aí, ele já tava nessa luta contra isso. Como é que eu num vou poder fazer meu barraco de tijolo?! Faz sim, faz! Nós autorizávamos. FAFERJ autorizava. Fundação Leão XIII proibia. A gente autorizava, sabe?

P. A Leão XIII foi perdendo..

D. Foi perdendo a objetividade dela, o porquê. Foi perdendo a função. Existe ainda mas tá sem... agora ela trabalha área social de pessoal abandonado na rua. Trabalha com pessoas abandonadas que ali tem um depósito de pessoas abandonadas ali em Manguinhos, ali perto do XXI. O asilo todo, tem um asilo também, e pra cá tem uma casa. A casa tem até placa da fundação Leão XIII, portão e tudo. O asilo também a fundação tomava conta mas teve uma época que num sei, cortou verba, o asilo também perdeu o controle. Aí teve, num sei qual governo desses aí, separou o asilo da fundação...

A. Agora o asilo é mantido pela prefeitura, a fundação eu num sei...

D. A fundação é estadual. Então, ela tem essa diferença.

P. Me fala um pouco da seu conselho popular.

D. É que nós achamos o seguinte, nós criamos o primeiro conselho, num foi o meu aqui não, primeiro conselho nacional da cidade. Então, essas lideranças que atuavam antigamente na FAFERJ e em outros lugares e que por causa da violência parou de atuar nas associações de moradores, que num tem jeito atuar, num tem jeito de atuar com eles, num tem! E se você ganhar uma eleição com eles, vai fazer o que eles mandam. Então num tem jeito... (difícil de entender 1:01:40). Os que tinham no Borel, todo lugar... aí vinha muito tempo, a gente passou a participar da Pastoral de Favelas, a Pastoral de favelas também, mesmo na retomada da FAFERJ, ela ajudou muito, já tinha a Pastoral de favelas em 77, 76... já tinha pastoral de favelas. Aí essa pastoral de favelas, na época era coordenada pela Ana Noronha, e ajudou muito a gente na retomada da FAFERJ, na luta. A família Noronha tinha alguma coisa de esquerda também, e pensamento socialista. E aí, ajudou a gente na luta pela reconquista do objetivo da FAFERJ. Que a FAFERJ foi criada pra esse trabalho mas com a ditadura ela recuou, parou de fazer mais nada.

P. FAFERJ foi fundada quando?

D. 63 também! O mesmo ano da associação da Grota, quer dizer, se você for contar as associações, tem associação de 1928... acho que até de antes disso!

P. Associação de 28?

D. Tem uma lá no Caju! Lá no Caju tem uma pequena, lá no Parque São Sebastião, me lembro que eu ia lá uma vez, tinha em cima da porta: 1928.

P. Mas era um parque proletário?

D. Não, num era parque proletário não. Era uma associação de moradores do Parque São Sebastião. Depois nasceu o Parque Boa Esperança. Parque Proletário Boa Esperança. Já estavam na FAFERJ quando nasceu. O Parque Alegria já existia antigamente. O Alegria é antes aqui do Alemão. O Borel é mais antiga, a do Catumbi, do São Carlos. Todas é mais antigas do que essa daqui. DO que essa da Leopoldina...

P. Essas daqui são do início das anos 60, né!?

D. 60! A de Vigário Geral parece ser um pouco mais antiga do que essa daqui. Vigário Geral!

P. Lá de Nova Brasília é de 61!

D. Pois é, a daqui é de 63, viu!?

P. E eles tiveram um confronto muito forte com o IAPC, que ali eram terras do IAPC.

D. Você entrevistou quem lá?

P. Eu fui atrás do Zé Cabo, do M Silva...

D. Achou seu... um velhinho lá de cabelo branco...

P... Seu Florindo.

D. Achou ele?

P. Achei!

D. Muito meu amigo.

P. o M Silva, o Florindo, o Orestes...

D. A gente tava tentando fazer um documentário sobre a história do Alemão, nós filmamos um depoimento do seu Florindo, do seu Roldão...

P. E quem é que tá fazendo isso com você?

D; A gente! Eu, ué! Eu e outros amigos aqui do morro! Nós temos a máquina de filmar, nós temos a câmera filmadora, o computador. Nós temos tudo aí! To com 64 anos né professora... foi 40 de militância. Se eu não tivesse aprendido, é o mesmo que eu tivesse numa faculdade.

P. Tinha mais gente da militância aqui?

D. Tinha mas com o fim do MR8 e que a gente também divergiu do MR8, saímos do MR8 por causa de divergências, porque nós defendíamos a revolução socialista por

causa da classe operária. Eles puxaram o saquinho da revolução burguesa, primeiro, no meio, aí nós divergimos, saímos fora. 5 anos atrás, eles acabaram também... MR8 acabou. Eles duraram aí, uns 20 anos e tal, mas acabou também.

P. A dos Mineiros foi fundada quando?

D. A dos Mineiros num fui eu não. A da Matinha, que é do lado dos Mineiros, eu fui lá. Pode olhar no estatuto lá, Nilton Gomes Pereira, fui eu! A dos Mineiros foi um ano antes. Que era o seu Valmir. O fundador da fundação dos Mineiros foi seu Valmir... foi o primeiro presidente. Ele deve morar, eu acho.

P. ele mora lá ainda, eles até entrevistaram o seu Valmir...

D. Mora lá! A gente tem um companheiro que mora lá pertinho e foi criado lá no Morro dos Mineiros que dá aula aqui de português. Professor de português formado na UERJ. O Alexandre. Ele dá aula aqui de português e morava lá no Morro dos Mineiros.

Cresceu lá!

P. O Mineiro, quando você chegou aqui, já tinha?

D. Não! Num tinha ocupação, quase nada. Uma casinha aqui, outra lá longe. Num existia praticamente os Mineiros...

P. Tinha o que? Tinha Adeus? Alemão?

D. É! Adeus, Alemão, Grotá, Nova Brasília. Alvorada já tinha!

P. Você conheceu seu Romão?

D. Seu Romão eu lembro da casa que falavam dele lá em cima mas seu Romão morava lá em cima do morro. 'Só tinha a casa do seu Romão, num sei que...' quando eu vim, mas eu num me lembro, num me lembro da casa de seu Romão.

P. Eu to atrás de seu Romão sabe porque, porque a gente acha que...

D. Ele já morreu!

P. não, mas da família dele, porque parece que ele tenha sido empregado das antigas fazendas aqui.

D. É possível! Porque quando nós chegamos aqui, ainda tinha boi, vaca, tal, por aí tudo!

P. Quando vocês chegaram tinha aluguel de chão?

D. É, o aluguel de chão que o capitão cobrava. Ué! Aluguel de chão! O que ele cobrava, se ele dizia que era dono de uma coisa e cobrava um aluguel.

P. Num era ele que construía os barracos, né?!

D. Não, ele num construía não... ele era aluguel de chão. Porque ele alugava e a pessoa vinha fazer o barraco.

P. Que desaforo desse cara, hein!?

D. Capitão do Exército!

P. Num sabe o nome dele?

D. Num sei não.. lembro não! Ainda mais eu, nunca tentei descobrir esses nomes porque a gente tinha um receio da ditadura do caramba. Ainda mais meu irmão perseguido! Meu irmão perseguido, eu vou querer saber quem é capitão, quem é coronel... eu sabia os grandão aí que torturava, esses aí, os nomes eu sabia.

P. Você tava falando, que bandido nos anos 60 que tinha um ou outro... era só marginal...

D. Era um ou outro. Tinha um que chamava, era o irmão da Irene, que era bandido do morro ali. Tinha um que se chamava Azul, apelido dele, era um negão que se chamava Azul. O irmão da Irene, eu esqueci o nome dele agora. Conhecia eles, teve um cara que disse que era da polícia mas saiu da policia e ele também era bandido e era polícia no morro, aparecia montado num cavalo no morro. Tinha um apelido ele também!

P. Como ele chamava?

D. Tinha um apelido ele também.

P. Porque é legal saber essas histórias...

D. Tem uns morador que sabe isso!

P. Que andava montado num cavalo?

D. É!

P. Num é o Hermenegildo não, né!?

D. Não! Hermenegildo é um velhinho que morava lá no fim da Grota! Morava o Hermenegildo que era mais velho que seu Dodô, do que se Teófilo. Ele tinha uma carroça de cavalos...

P. Você conheceu um tal de João Gabriel?

D. Não! Conheci seu Hermenegildo.

P. Era uma pessoa antiga aqui?

D. Antiga! Era um coroa, escurão, altão, forte!

P. E quando vocês chegaram aqui, tinham mais negros aqui antes, ou não?

D. Outro dia até tava discutindo isso. Porque num é, a população do morro não é tão negra assim. Ela num é branca mas ela num é africana.

P. Num é! Num é mais... mas você sabe porque eu to falando isso?

D. Porque misturou...

P. Lá pra trás, quando 40, veio muita gente de Minas e eu comecei a ver, e eu até falo negro, ficava meio complicado porque todo mundo fala escuro. Aí fico assim, ah é escuro, tá..

D. Não, até eu tenho esse problema. Porque assim, às vezes, preto eles num gosta que chama né!? Negro é a palavra certa mas nem sempre negro também num sabe que o nome certo é negro!

P. É, aí prefere o escuro! Mas o que a gente vê é que (sobre o processo de ocupação 1:10:19), ao que tudo indica, vieram muitos negros da região do café. Porque em 29 teve uma crise lá do café em Minas Gerais e eles migram pra cá, eles chegam aqui de trem. Tanto é que tem folia de reis, tinha folia aqui...

D. Tinha, muita folia! Agora acabou mas tinha. Até é 5 anos atrás tinha uma folia! Que era lá no Areal.

P. Tinha Calango! Eles falam de baile. Esse seu Aníbal, ele era escuro ou não era, você sabe?

D. Pelo que eu acho, acho que num era não... era moreno. Era igual a mim, assim... era moreno! Eu acho que ele era moreno.

P. É, nós somos mestiços. Porque o seu Hermenegildo, esse Romão parece que sim. Um tal do Olavo que morava lá pra cima...

D. É, na realidade, branco mermo eu nunca vi. Num tinha muito branco na Grota não. Eu num me lembro.

P. E quando você chegou aqui, ainda se falava do Alemão?

D. É, essa história do Alemão, que caiu um avião né!? Essa história aí, eles contam. Já peguei nessa história aí uns 10 tipos de história. De que, depois era um casal. Que num era alemão, eles eram poloneses mas o povo chamava de alemão porque era branco e eles conheciam o cara branco como alemão. E não por aí... mas esse casal era polonês. Dizem que a história verdadeira é essa.

P. É, isso mesmo! Porque isso você vai cercando, cercando até ter as histórias de fato.

D. A história verdadeira é essa! Porque também, assim, as pessoas dizem que Olaria já foi uma fazenda de café. Mas, que época isso, né?! Lá em 1900, sei lá.

P. Aqui, você chegou a pegar essa casa que tinha na Baiana?

D. Morador que tinha ali em cima do morro, o mais antigo que tinha lá, era seu Jorge. Jorge Gomes que a gente chamava de Jorge Colhero mas o nome dele era Jorge Goems.

P. Ele já faleceu?

D. Já, mas da família dele ainda tem gente aí! Muita gente! Outro dia até morreu um neto dele, o Renato. Eu fui até no enterro. Porque nesse morro aqui, eu sou tão fundador desse morro que tem uma rua com meu nome!

P. Tem rua e tudo?

D. Tem, rua Nilton Gomes. Porque o Clóvis, o primeiro presidente do morro, era do nosso grupo lá da Grota. E nós éramos da Chapa Azul lá, né. Aí, quando veio ocupar aqui, aquele jovem que num tinha casa, o Clóvis foi um, fez um barraco pra ele. Pois arranjou mulher e tal, tal, e ele foi o primeiro presidente, Clóvis.

P. E como foi essa história do processo de ocupação aqui da Baiana?

D. Não, eu vim por causa de ser da FAFERJ. Que eu morava lá trás da vila Olímpica e os morador vinha, ah Diquinho é diretor da FAFERJ, chama ele pra ajudar a gente. Pra apoiar, eu vim pra apoiar. Eu vim pra apoiar. E por causa de eu vim pra apoiar, pra mim não segurar sozinho, eu comecei a trazer gente de fora, trouxe a FAFERJ toda, trouxe padre da igreja, padre Inácio, busquei o padre Inácio. Da Igreja São Geraldo. A gente num era muito ligado a Igreja São Sebastião não. Num sei porque isso... mas era padre Inácio, ele veio até aqui no morro. Aí, a gente também era conhecido de um delegado que era de esquerda na época, era o Hélio Luz, o Hélio é meu amigo até hoje. Aí o Hélio no dia que a PM veio, veio no primeiro dia, no segundo dia que ele veio, o Hélio tava aqui com a gente. O Hélio chegou e falou: Trouxeram mandado de segurança? Não, então vai embora! Foi um caminhão de PM embora. Botou o caminhão de PM embora e ele ficou com a gente no morro aí... dormiu uma noite aí, no morro com a gente.

Morador nem sabe disso. Eu conto essa história, morador num sabe contar nada. Comeu com a gente, comida que a gente trouxe os pratos pra comer, comeu junto com a gente. Ele, ele é fora de série ele. Hélio Luz é fora de série! Um dos melhores companheiros que o movimento de favela já teve, e o pessoal num gosta. Não, tem coisa por causa dele ter sido delegado, né!? Mas, ele pô! Ele até uma vez prendeu um neguinho pretinho que, acho que tava roubando galinha num sei onde, acho que, porque uma vez ele foi lá no estado do Rio, prende um fazendeiro que matou um trabalhador na fazenda dele. O Hélio saiu de Copacabana, foi lá e prendeu o fazendeiro. E trouxe pro Rio! E falou, aqui num adianta não. Tu tá em cana! Trouxe o fazendeiro e depois ele, num sei que, ele arranjou um neguinho lá, e prendeu o neguinho, trouxe pra morar na casa dele.

A. Primeiro prendeu, depois conheceu?

D. Não, eu sei que porque ele tava na delegacia lá quando chegaram com o neguinho preso, eu sei que depois num deu nada certo mesmo. Porque ele tentou levar pra casa dele e depois o neguinho num ficou. E num sei se também, ele era casado, eu sei que o neguinho foi embora. Era negócio de roubo, furto! E o Hélio era o tipo do cara assim, olha, com tanta gente roubando o povo todo aí, eu vou prender cara que rouba galinha, que rouba comida. É ruim, hein!? Ele num prendia de jeito nenhum! Ele não prendia, ele não prendia mesmo. Se o dono do supermercado mandasse prender, ele ia dá um jeito de prender o dono do supermercado. Não o cara que rouba comida. Ele era assim...

P. Você viu aquele filme, Notícias de uma guerra particular?

D. Eu tenho uma fita dele aí! A entrevista dele...

P. Ele falando sobre o tráfico...

D. E no mandato dele de deputado eu trabalhei os 4 anos com ele! Lógico! Fui do gabinete dele. Os 4 anos.

P. Ele vai continuar?

D. Do gabinete do Hélio que eu ganhei dinheiro pra fazer essa casa aqui! Que eu morei 30 anos lá e nunca consegui. Trabalhei com outros caras e nunca consegui me dar valor nenhum. Só ele me deu valor.

P. Ali na Itararé?

D. É, morei 30 anos lá!

P. Junto com o Camilo?

D. Junto com o Camilo! Morava eu e minha mãe embaixo, o Camilo morava em cima. Aí, quando a gente saiu, eu fiz essa casa aqui, quando acabou o mandato do Hélio, que ele num quis mais o 2º mandato, que ele achou que parlamento num resolve nada mesmo.

P. Ele não quis?

D. Não quis! 20 anos em 1 ano pra ele ser candidato duas vezes, de jeito nenhum, pra federal, pra estadual, pra nada, ele num quis. E ele seria eleito mole! Porque na primeira ele foi eleito com 34 mil, na primeira. Na segunda, depois de um mandato, que ele tava conhecido muito mais, ele seria reeleito. Num quis ir de jeito nenhum. Aí, se aposentou, foi embora pra França com a família toda. Passou 4 anos na França, voltou. Tá no Rio Grande do Sul. Mas de vez em quando eu falo com ele.

P. Uma pena né...

D. Uma pena! Ele ajudou gente até na retomada da FAFERJ. Eu conheço desse tempo, hein!? Conheço ele há 30 e tal anos...

P. A retomada da FAFERJ foi em?

D. 79! 77, 78, 79...

P. Porque antes ela ficou na mão dos pelegos?

D. Tava na mão dos pelegos, que era o pessoal chaguista. Jonas Rodrigues, era seu Francisco Souza lá da Maré, do Parque União. O Jonas era lá do Catumbi. Que era a turma do Chaguismo. Aí nossa turma se juntou, mais a esquerda, se juntou com o pessoal do Hélio e tal.

P. E aqui tinha muita indústria, num tinha?

D. Tinha! Sumiu agora!

P. Boa parte da população trabalhava nessas indústrias aqui?

D. Trabalhava, trabalhava. Mas agora com esse problema, foi na crise econômica, os problemas aí que fechou.

P. O tráfico também?

D. Não, foi mais crise econômica que fechou as indústrias aqui, porque fechou quase tudo! Saiu daqui Poesí que tinha 4 mil empregos. Saiu daqui Coca-Cola que tinha muito emprego. Saiu a fábrica de cerveja, a Skol. Saiu as três maiores foram essas. E aí, pequenas, mais de 100!

P. Mais de 100, é? Bala Rute, você lembra?

D. Bala Rute! Esse general que se dizia dono da Baiana, da área da Baiana, que se chama Paes Leme, lá de Copacabana, era um general que se dizia dono da terra aqui da Baiana. Ele tinha a ver alguma coisa com Bala Rute também. Tinha uma história que, o morro corre um monte de coisa, o dono da Bala Rute que é o dono do Morro da Baiana... tinha essa coisa. Mas eu sei que na luta pela permanência, nós tínhamos caminhada daqui na prefeitura com 200 pessoas, Aqui do morro da Baiana.

P. Foi em que ano isso?

D. 80! 80 e 81 foi os anos que mais a gente mobilizou o morro da Baiana pra permanecer, pro pessoal ficar. E eu não fiz casa no morro pra mim não. Pra você vÊ! Eu ajudei a ocupar um monte! Eu ajudei a ocupar umas 20, 30 favelas no Rio de Janeiro e eu nunca fiz um barraco pra mim. Nunca!

A. Podia ter um barraco em cada favela!

D. podia! E num fiz, porque eu num era disso! Eu era um socialista, pô. Eu era um lutador...

A. Ia contra os seus princípios...

D. Ia contra, aproveitador! Tem muita gente que fez! Tem gente que ganha dinheiro por causa disso, morador do morro que diz, você é faveleiro, poxa, que fica em cada... tem um na Grota que toda favela que tão ocupando, ele vai lá e ocupa! Fica lá e faz um pra ele!

A. O faveleiro?

D. É, o faveleiro. Esse cara que fica né!? Ocupando e vendendo...

A. (fala da ocupação na 21 1:20:45)

D. Foi, aquela da beira do rio eu fui ocupar, foi em 86. eu fui ajudar e eu era candidato a deputado. Mas era maior problema, eu pensava, como é que eu vou ajudar esse negócio se eu num posso ir lá e esses caras me caçam, e eu ia lá de noite, fazia reunião com eles... fazia reunião. Mas eu era diferente. Eu num ia por causa de voto, por causa disso não. Eu ia na intenção de ajudar gente e moradia. Moradia! Eu acho que todo mundo tem o direito de morar, sabe? Independente de ser... tem que ter. tá na constituição que educação, saúde e moradia é direito do povo e dever do estado. Eu sei essas coisas e a maioria das lideranças num falam, num sabem. Alguns até sabem, outros nem sabem.

A. Tem dois documentos aqui que me chamam muita atenção, um de arrecadação nas festas juninas de 79 e um da comissão de luz de 81, pedindo autorização pra usar a luz.

P. Ah, que legal!

A. Um documento das festas lá na Joaquim de Queiroz!

D. Nós fizemos uma festa e arrecadamos, mas aí fizemos questão de entregar o dinheiro em assembléia. Porque marcava! Você faz um dinheiro e entrega lá, fica sem marca.

Tiramos assembléia pra entregar o dinheiro. Entregamos na assembléia. Deve tá na ata. Num tá na ata porque o Jorginho sumiu com o livro de atas da associação.

P. diz o seu Osvaldo que o Jorginho sumiu com tudo!

D. Sumiu com o livro de ata! O Osvaldo participa do Conselho Popular aqui com a gente. Ele é fundador aqui do Conselho! Fundador aqui do Conselho comigo!

P. Mas o conselho, vocês fundaram quando?

D. Tem uns 3 anos atrás.

P. E aí, ele tá?

D. Osvaldo também é atuante lá. Nós somos diretor da mesma diretoria. Eu e Osvaldo!

P. O Osvaldo antigo, que foi da primeira diretoria?

D. É, ele foi fundador ele, mas só que depois da derrubada do Severino, ele ajudou nós a derrubar o Severino. Num movimento que se criou pra tirar o presidente que tava há 15 anos, ele também tava no movimento que ajudou. Que nessa aí ele num era mais diretor da primeira... aí ele ajudou. E ele é meu amigo até hoje. Nós somos amigos há 35 anos também! Eu e Osvaldo! Ele é meu amigo pra caramba. Ele vai fazer 80 anos esse ano, nós vamos fazer uma festa. Já falei que vou dar a minha contribuição pra ajudar a fazer. Gente boa pra caramba!

P. E ele me falou uma coisa interessante, que quando eles assumiram a associação, a impressão que eu tenho que quando surgem as associações, essa coisa dos donos do pedaço, ela se dissolve e meio que passa a ser concentrada na associação...

D... na associação! É verdade isso!

P. Porque as pessoas procuravam as terras e quem controlava...

D. Quando não tinha associação.

P. Mas quem passa a controlar isso é a associação.

D. É!

P. Que ele falou que vendia cava de terra pra pessoas, até pra poder ter dinheiro...

D. A associação vendia?

P. a própria associação. Isso inicialmente...

D. Eu acho que..

P. Pode num ter sido no seu tempo...

A. tempo do seu Teófilo...

D. É, poderia ser no tempo do seu Teófilo ou antes até, no tempo do cara que era primeiro. Porque esse que arranhou pra nós, ele morava no Alemão mas no outro lado. Parece que num tinha nada a ver. Mas na associação eu num sei, porque no meu tempo na associação, a gente mandava ir lá pro morro dos mineiros. Chegou morador, a gente via que precisa de lugar pra morar, num tem dinheiro pra aluguel! Vai lá pro morro dos mineiros, ocupa lá o lugar e faz teu barraco, pô! E num fala que foi a gente que mandou.

P. Mas isso já é um outro período, você já ta falando de 70 e pouco quando isso aqui já tava tudo ocupado.

D. Era 70 e pouco mermo, mas o Mineiro num tava.

P. O Osvaldo tá falando de 60!

D. Mas ele chegou na minha frente, não, mais de 10 anos na minha frente... uns 10 anos na minha frente.

P. 63. E em 63 você num tava ligado nisso..

D. Não, eu cheguei em 67. e ele chegou antes de 63... acho que ele chegou em 57, 58.. ele!

P. É!? Ele falou pra mim que chegou em 1960!

D. 60?!

P. É!

A. e você, 7 anos depois...

D. É!

P. Você vê que a política também vai mudando...

D. Mas aí, com ele num é uma diferença tão grande. Porque tem gente que é... bom é 20 anos antes de nós! Num é!? Antes de mim e Osvaldo! Aí que nós queríamos botar no nosso documentário. A gente queria pegar nego velhinho mermo que contasse quando chegou, que num tinha associação nenhuma, que, né!?

P. É isso que eu to fazendo! EU posso repassar tudo pra vocês.

D. A gente quer fazer...mas depois ficou muito comigo só, eu tenho problema de coração, botei 4 pontes de safena. Eu num subo o morro mais como antes. Nesse tempo todo eu num tinha problema no coração. Dava cambalhota por esse morro afora em tudo quanto era forró de noite, eu tava.

P. E tinha muito forró aqui?

D. Tinha muito forró! Nos mineiros, um forró no Morro dos Mineiros, morro do Alemão, todo lado. E eu fiquei muito conhecido também...

P. Mas forró o que? Nordestino?

D. Forró com disco! mAs já tinha forró. No dia, eu num me lembro de nenhum com instrumento. Nenhum. Nem de 67, nem nada. Nem na minha casa, que eu gostava de fazer na minha casa. Já era com disco! Era Roberto Carlos, já era o Ie-Ie-Ie! Já era!

P. Você é da época do Cidinho, então. Você conhece o Cidinho?

D. O Cidinho da Brasília? Conheço ele! Embora não seja muito ligado, mas eu gosto dele. Conheço ele. Politicamente...

P. Não, porque o Cidinho ficou falando horas de Ie-Ie-Ie... ele era super ligado.

D. Não, até porque eu não era muito ligado em Ie-Ie-Ie. Eu sou muito ligado mais, o que eu gosto de música é sertanejo. Bom, eu gosto de música mundial é!? Se olhar meus Cd's ali, tem de Elvis a Frank Sinatra, a Johnny Matt, a Chitãozinho e Xororó, lógico, Chitãozinho e Xororó, Milionário e Zé Rico, Tônico e Tinoco, e quando eu era criança lá em Minas Gerais, a gente cantava música sertaneja de dupla. Eu e meu irmão, com 7 anos. Aí, que dizer, a primeira música que eu conheci, foi música sertaneja, Tônico e Tinoco. E, aí, quando eu vim pra cidade de Caratinga, mudando da roça pra cidade, aí já

começou a surgir essa música de cidade. Mas aí depois eu passei a conhecer o Bolero, essas coisas tudo... Altomar Dutra, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, tem tudo aí!

P. E a ligação com o Cacique aqui de cima?

D. Eu nunca fui chegado a samba! Num gosto do barulho da percussão. Eu gosto mesmo de música mas que tem que ter música mesmo, tem que ter violão, tem que ter... orquestra eu gosto. Mas bumbo só, barulho. Eu num gosto de funk!

P. A atuação de padres aqui?

D. A igreja, infelizmente, a igreja católica aqui sempre teve, há uns 10 anos atrás, sempre foi ruim. Foi fraca, sempre foi uma igreja muito fechada só a questão religiosa não a questão social que num faz parte de nada!

P. Num tinha presença pastoral aqui?

D. Nada, nada! Por causa da congregação que dirige a igreja.

P. Qual é?

D. Ah, é uma congregação da Bahia!!

A. Padres Vocacionistas da Bahia.

D. Eles num são da Arquidiocese não! E isso atrapalhou muito porque...

A. É uma ordem que administra a paróquia.

D. Da Bahia!

A. Diferente lá da Nova Brasília que é diocesano.

D. Aí aqui tinha um padre, quando eu comecei a militar, e a já tinha a igreja de São Joaquim, na Grotta. Aí, a gente foi lá conversar com a pessoa que tomava conta da igreja, que a gente num tinha salão, num tinha lugar pra fazer reunião, num tinha lugar nenhum. Aí a gente, pô, a gente podia conversar com a igreja. Aí a gente foi lá, conversou: Será que o senhor deixaria, era seu Zé que morava ali na bananeira, em frente a sede. Ele morava ali, a gente fez uma comissão pra ir lá conversar. Primeira chapa da gente, grupo da chapa Azul. Vê se a igreja deixava a gente ir lá, participar num sala que tivesse lá! Não, vocês num podem!

A. Até hoje isso não existe...

D. Mas agora eles deixam. Deixam, porque agora que tá lá...

A. Não, não deixam. A creche vai entrar em obra, eles pediram o espaço da São Judas, eles tem o espaço pra abrigar as 80 crianças, o padre não cedeu. A igreja fica fechada de segunda a sexta...

D. Eu acabei de arrumar...

A. Um lugar pra creche?

D. pra fazer uma aula lá! Fui lá ontem, levei a professora, acabei de arranjar sala e tudo, já tá arrumado até semana que vem nós vamos botar boletim na rua pra convocar.

A. Que bom! Na São Judas ou na São Joaquim?

D. Lá na Grotta! Ali na Grotta! Na São Joaquim de Santanna

A. Que bom! Na São Judas não conseguiu!

D. Mas eu também consegui na São Joaquim porque o Joarez é meu conterrâneo, veio de Minas no mesmo dia que eu vim!

A. o Joarez da tia Ana?

D. É! O Joarez é meu irmão praticamente! Sabe por que? Porque meu pai morava com a mãe da Joarez... minha mãe morava com o pai do Joarez. Viemos juntos, no mesmo dia, de Minas. Só que eu pendi pra esquerda e o Joarez nunca militou! Aí, Joarez ficou. O Joarez era filho do seu neném que morou com a minha mãe. Tinha o Joarez, o Ailton, o Amilton... né?!

A. Ele é praticante...

D. Ele é! Tem 20 anos de Igreja Católica, ele é considerado ministro da igreja! Como ele é meu irmão, pelo menos assim de família, pelo menos eu tenho... e ele sabe que eu

sou de esquerda, ele sabe. Ài eu falei, vou lá conversar com Joarez primeiro, conversar com Joarez. A Ana tá nessa chapa aqui, tu viu?

A. Não!

D. Tá nessa chapa aqui!

A. Não acredito, quero ver!

D. Nessa que eu mostrei, azul! Primeira que eu mostrei! A foto que eu to de terno!

P. Mas a igreja...

D. Ài, ela nunca então é fechada. Aí, nos outros anos pra cá, que apareceu aqui padre Adelmiro e padre Martins. O padre, eu num militava lá não, um dia eu resolvi, vou lá no padre, na igreja pra vê como é esses movimentos lá. Aí cheguei, conversei com padre Martins, fui logo dizendo: Somos socialistas, num sou de ficar rezando, vim pra missa, ficar rezando não! Mas eu gosto de participar do movimento social e de luta em favor dos oprimidos! Se interessar... ele ficou meio desconfiado, ele ficou desconfiado mas eu sou insistente. Aí comecei com as reuniões, aí ele tava começando a puxar a luta pela saúde aqui no Complexo do Alemão. Aí no dia teve o conselho de saúde, né!!? E eu sou um dos membros do Conselho de Saúde.

P. Isso tem muito tempo?

D. Uns 10 anos atrás nós criamos o Consa. Conselho de Saúde do Alemão, Consa! A Marisa do Morro do Adeus foi a primeira presidente, eu fui o segundo presidente do Conselho de Saúde. E o padre Martins, ele era bom pra caramba, no sentido de abrir pra isso. Ele tesoureiro, nós criamos o conselho, ele era o tesoureiro. Nós criamos estatuto, criamos tudo! Ele topou participar! Quando o padre Martins foi sair daí, que veio a Congregação e disse: Padre, tem que ir pra outro lugar. Nós fizemos assembléia com 600 pessoas pra ele ficar e não conseguimos convencer. O cara veio de Roma, veio um lá da Congregação de Roma, veio um da Bahia, juntaram. Foi em público! O pau quebrou e não conseguimos garantir o padre, aí ele saiu. Ele saiu da congregação.

A. Isso, foi pra Diocese.

D. Ele foi pra Diocese! Ele saiu, deixou.. dessa luta aqui que dá...

A. e foi nessa época que eu era da São Sebastião, depois eu me afastei.

D. Pois é!

P. O Diquinho...

A. (pede pra fotografar a foto 1:33:40 – 1:33:51)

D. É que ela num guardou! Joarez participava com a gente. Joarez, o marido dele.

P. (falando sobre o assistente tirar a foto 1:34:00 – 1:34:16)

D. É, você tá fazendo esse estudo, e você não é a primeira que eu ajudo. Já teve uma outra companheira que fez doutorado na UFRJ, Eladir, Serviço Social que ela se formou, e ela fez uma tese. Eu tenho até uma aí, li a tese e a tese dela, eu falei sobre a FAFERJ. Quer ver, vou pegar pra tu ver!

P. Legal!

D. 300 folhas!!

(fim da gravação)

Diquinho II

Duração: 00:15

D. A história do movimento de favelas do DInho...

P. E por falar em FAFERJ – Federação de Associação

D. Quer dizer, isso que você está fazendo no sentido de descobrir o Alemão, o Alemão ela num fala. Mas ela fala do Rio de Janeiro todo!

P. É, isso aqui tá legal, vou até pegar a referência...

Diquinho III

Duração: 1:47

D. Tempão, ela era professora primária, foi diretora de uma escola!

P. Olha, que barato! Deixa eu ver uma... porque na verdade, a minha tese de doutorado foi sobre associativismo lá na Bahia. E agora, no caso aqui dessa pesquisa, a gente vai esbarrar em associativismo nos anos 60. Porque, eu comecei lá trás, falei assim, vou ver... então eu tô pegando anos 40, anos 50, e nos anos 60 você já vê que tem uma mudança aí nessa questão da ocupação, da interferência das associações... Porque é uma ausência de estado total, né!?

D. É! Principalmente nessas áreas, quer dizer, por que que surgiram as favelas? Primeira pergunta é essa, né!? Por que que surgiu as favelas? Surgiu porque o estado nunca teve um compromisso de que quando as pessoas vindas do interior pra capital, chegando aqui, já tivesse um programa de governo habitacional que quando as pessoas chegassem se tivesse, e construíssem prédios, nunca teria favela no Rio de Janeiro!

P. E, você num tem programa... coisa de Conjuntos Habitacionais...

D. Num tem! Num tem!

P. Inclusive, olha só que interessante...

D. Favela só existe por culpa do governo...

P. Você sabe o seguinte, esses terrenos que eram do IAPC, e que tem vários, que ele comprou...

D. Dizem que o Alemão tem um pedaço que era do INSS.

P. Que era, originalmente...

D. IAPC, IAPTEC, IAPI...

P. Exato! Originalmente era do IAPC, que depois virou INSS, isso seriam áreas para eles, supostamente, construir casas para...

D. E olha só, esse troço do IAPC...

(fim da gravação)

Diquinho IV

Duração: 13:28

P. Ah é, você foi membro do IAPI.

D. Fui! Quando cheguei num tinha INSS ainda... Num tinha o INPS, nem INSS. Eu cheguei ainda era o IAPI. Aí, eu como os gráficos, era ligado ao IAPI, a indústria. Indústria gráfica... aí depois que eu comecei a entender... isso aí eu num entendi porcaria nenhuma. Aí, cheguei aqui, vi que tinha um hospital do IAPTEC. Falava, como é que eu sou do IAPI, tem o IAPTEC?

P. E num tinha assim...

D. O hospital de Bonsucesso era do IAPTEC.

P. ...programa de casas, ou terrenos do IAPI pra comprar...

D. Tem o conjunto da Penha, que foi construído pelo IAPI. IAPI da Penha, até hoje chama. IAPI da Penha. Muitos prédios...

P. O IAPC num construiu nada aqui?

D. Pelo que eu sei não.

P. Mas eu entrevistei um senhor que morava no morro do Adeus e que como ele era comerciário, ele conseguiu apresentar a carteira de trabalho e conseguiu uma terra aqui no Morro do Alemão.

D. Pois é, você colocando essa questão aí, você vê assim, se tinha o IAPTEC, que era dono do terreno, aí depois veio o INSS, encampou. Como é que encampa uma coisa de... que é, fizeram no geral, né!?

P. Juntaram tudo!

D. Saiu pegando tudo... é! Coisa que, tudo que pertenceu, na realidade, aos comerciários é uma coisa particular. Num era uma coisa de governo. Porque todo o instituto, ele era particular. Foi assim, você pagava sua contribuição pro IAPI, o IAPI te aposentava. Você num era aposentado pelo governo nenhum, pelo instituto, num tinha isso...

P. Mas o IAPI era do governo!

D. Não, o IAPI era Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários.

P. Sim, mas do estado..

D. não! Eu acho que era vinculado só ao instituto, o instituto não tinha governo. O IAPTEC também, era dos comerciários. Num era do estado. Eu acho que cada profissão tinha o seu.

P. Era tudo do estado mas num era, o estado num tomava conta de nada, entendeu?

D. Eu acho que era, porque eu, quando eu cheguei, eu pensava que era uma coisa particular. Que assim, chegava, você tem que pagar sua contribuição por IAPI ou pro IAPTEC, ou pro IAPC...

P. Era do estado mas tudo fragmentado, então se fosse era indústriário você pagava pro IAPI. Mas o IAPI estava diretamente vinculado ao estado.

D. Eu achava que naquele tempo só os professores era do Estado, né?! A prefeitura.. só os professores.

P. pois é, mas eles num construíram as casas que eles deveriam construir.

D. Pois é!

P. Inclusive a gente achou aqui, material de jornal sobre o IAPC lá em Nova Brasília...

D. Ah, deve ter! Vocês estão fazendo pesquisa em jornal, né!? na redação da jornal desses deve ter a história tudo lá!

P. Mas num é assim! Por isso até, se você, eu queria pegar seu telefone... você tem um contato assim, porque eu acho que a Ruth que trabalha comigo que é do IPEA.

(pausa na gravação 3:20)

D. Tem uma arrumação...

P. da regularização fundiária...

D. É! Cada eleição, cada governo, o Brizola fez umas 3 regularizações fundiárias. Agora vem o Sérgio Cabral, diz que nenhuma vale! Serve pra nada. É tanto que aquela favela lá da Vila Autódromo, na Barra, o pessoal falou que tem 2 ou 3 títulos de propriedade doado pelo governo Brizola.

P. Gente, que isso!?

D. E o governo coisa vai remover, sem direito nenhum. O governo do Sérgio Cabral tá removendo a favela. Vai botar lá as coisas da Olimpíada, os... essas coisas, os instrumentos lá pra ser sede da Olimpíada. Vai tirar o autódromo e a favela que tem lá! Tá lá há 30 anos, 40 anos!

P. Diquinho, essa sua irmã, como era o nome da sua irmã que também era militante?

D. Irma...

P. Ela mora aqui também?

D. Mora, ela ficou nos Estados Unidos um tempão, agora voltou, tá por aí...

P. E quando vocês chegaram por aqui...

D. mas a Irma nunca morou aqui no Alemão. Ela chegou antes de nós, ela veio morar com meu irmão e meu irmão morava na Lapa, em casa alugada. Sempre morou. O meu irmão que era militante, ele nunca morou no morro. Sempre morou de aluguel e fora do morro. Ela veio trabalhar em casa de família e ligada com ele e tal, mas sempre pra zona centro, sul. Centro e Sul. Tanto que ela, depois que arranhou filho, marido e tal, sempre morou no centro também. Casa de aluguel. Ela nunca morou em morro. No final, antes de ela ir pro exterior é que ela morou no Catumbi, lá no Rio Comprido. Lá num morrinho que tem no Rio Comprido, ela morou lá! Ela morou lá, fui lá ajudar a criar a associação de moradores lá, junto com ela... e, depois ela resolveu, foi lá pros Estados Unidos, ficou lá 15 anos e voltou agora. Ela já ta com quase 70 anos.

P. E você tem filho, Diquinho?

D. Não! Sou solteiro, fiquei com minha mãe até os 90 anos. Ela morreu quando eu acabei de fazer essa casa.

P. Sua vida foi a militância, né!?

D. É, mais a militância mesmo.. e sempre tinha essa coisa mesmo que eu sempre militei pensando que de uma hora pra outra eu tinha que abandonar tudo e me mandar... eu sempre tinha isso quando militante. Tinha com todos militantes e tenho até hoje! O verdadeiro militante, ele não é dono de si. A causa é dona dele. E se ele luta pela transformação social, ele, ao mesmo tempo que ele tá, vamos supor, o grupo decide que você vai fazer um trabalho na Bahia, tu vai pra Bahia. Depois que você resolve lá o trabalho, o companheiro já fez o trabalho lá, agora vai fazer em Mato Grosso. Assim! E eu tava preparando aquela época, até pra sair fora do Rio de Janeiro, pra ir embora. Pra ir embora pra outro lugar do Brasil! Ir pra outro lugar...

P. Mas você tinha suas namoradas, militantes...

D. Lógico, sempre tive! Eu tive mulher que deu até confusão aí na Grota.(risos) Não, num tive filhos! Teve uma que falou que tava grávida, aí eu falei que se ela tivesse grávida, cabou o namoro no mesmo dia... que ela falou que tava grávida. Falei, não engravida que eu não quero ter filho. Eu num contava porquê, né!? Mas eu num quero ter responsabilidade com filho que eu ia largar pra trás... sabe?

P. que coisa, militante mesmo! Assim...

D. Eu ia largar, como meus irmãos largaram, como outros companheiros largaram né!? Eu tinha um companheiro que morava em Magé, um senhor, ele tinha 10 filhos. Mas, de vez em quando ele abandonava a família e voltava daqui há 10, 15 anos! Tinha, eu conheço umas filhas dele lá em Magé. Conheço, tá lá ainda. E ele era bom pra caramba, ele! Socialista revolucionário mesmo!

P. Aqui dentro do Complexo, tinham outros militantes assim como você?

D. Não, igual a mim, assim dedicado a questão socialista, que sou até hoje, que esse conselho foi criado por causa disso, se num fosse por isso eu num criava, num teve. Teve outros companheiros que eu puxei pra essa luta. Mas que depois, desistiram... militaram... todo mundo no mesmo grupo da época do Joarez. Foi o Paulinho, que agora é evangélico... mora na Joaquim de Queiroz. O Paulinho, o Claudinho, o Clóvis aqui do morro da Baiana que os bandidos mataram. Vieram matar um e mataram ele. Clóvis era um dos melhores militantes que eu tinha. Os bandidos mataram esse.

P. E o Paulinho, ele é militante ainda?

D. Ele num é militante não, agora tá na igreja. Ele é evangélico!

P. A igreja evangélica aqui...

D. Cresceu muito! Muito, muito, muito...

P. Cresceu de quando pra cá, hein;...

D. Ah, cresceu de uns 20 anos pra cá. Mas cresceu muito mesmo! Com o surgimento até dessa Universal, que fez mais crescer. A Universal chegou e espalhou rapidinho. Ela saiu criando por dentro da Grotá afora...

P. E acabaram com os Centros de Umbanda, acabaram todos né!? Porque tinha né!?

D. Ainda tem, ainda tem um monte...

P. Tem poucos...

D. Tem poucos mas ainda tem... tinha muitos! Tinha muitos mas acabaram.

P. Acabaram! E na sua visão, porque você acha que a igreja evangélica teve tanto espaço aí...

D. Olha, a miséria, por causa da miséria e de certas coisas, as pessoas procuram Deus, né!? E os caras que, o pastor chega mais na comunidade, até do que o padre. Ele vai atrás, porque também, ele tá afim de dinheiro. Muito pastor aí que é só dinheiro o negócio dele. Né!? Ele abre logo uma igreja, se saísse contando, deve ter umas 60, na Grotá.

P. não, absurdo!

D. (risos) Né!? O que mais tem é igreja evangélica na Grotá. As denominações mais antiga num é tanto não. Se você procurar assembléia de Deus... Batista, Presbiteriana... você num acha muita não. Acha uma, duas... mas se você procurar as outras que é... tem pastor aí que um ano de militância numa, aí cria uma outra. Aí cria uma outra igreja. Cria uma outra porque é fácil fazer um estatuto de igreja. Criar... mole, mole criar igreja. Mole, mole! É a mesma coisa que criar uma associação de moradores. Você pega o estatuto de uma igreja, por ele você copia os itens todinho de como criar. Registra no mesmo lugar, no mesmo cartório... de pessoa jurídica lá na cidade. É lá que registra os cartórios das igrejas evangélicas. Eu tenho amigos aí que criou igreja. Aqui na Baiana tem um. Lá na Grotá tem alguns que criou, outros que desistiram. Criou e num deu certo.

A. Por que num deu certo?

D. Num deu certo... tem uns lá que cria, o objetivo é dinheiro! Olha, eu já fui numa reunião quando a Benedita era governadora ali na Grotá, que os pastores vieram. A discussão com a Benedita era qual o espaço de coisa que ia dar no sentido de arranjar emprego. Num era no sentido de trazer melhoria pra comunidade. Vi ninguém reivindicar melhoria pra comunidade lá. Nenhum dos pastores e nem do presidente da associação. Foi com o Jorginho, na época que o Jorginho era presidente da Grotá. Fui lá e na época eu era do PT. Eu era, fui lá, ela num gosta muito de mim, a Benedita... ela num gosta nada. Que a gente tem problema, desde o início da militância. Que o marido da Benedita era da primeira diretoria da FAFERJ, e ele era comunista. O Bola! Ele foi da nossa primeira diretoria da FAFERJ. Num é esse marido atual não, num é o artista não... é o primeiro, verdadeiro. Era gente boa pra caramba... E era que num era de nada. Ela que num militava em porcaria nenhuma. O cara que era bom. Ela, o Lúcio do Chapéu Mangueira. Que era um outro militante que tinha lá do PCB. Velhinho, seu Lúcio. Seu Lúcio é fundador da FAFERJ.

P. E esse Irineu do Jacarezinho que deve ser uma figura interessantíssima..

D. Seu Irineu é bom! Ele tá é muito velhinho, tá com a memória muito ruim. De vez em quando as pessoas vão lá na casa dele, ele manda praqui. Vai lá na casa do Diquinho, conversa com ele, porque o Diquinho tá com a memória muito melhor que a minha. Ele se lembra mais do que eu! Sempre manda praqui, pra casa mesmo...

P. É?

D. É porque a gente militou junto um tempo, e ele vem aqui, ele veio aqui ajudar a criar o Conselho Popular. Ele é fundador do Conselho Popular. Ele fez, dando a maior força...

P. E essa coisa dos conselhos populares...

D. A idéia era assim, a gente sair criando conselhos popular pra todo lado, mas no conselho popular a idéia é num ter ser. Num ter estatuto registrado... é uma realidade no sentido de fazer formação política mesmo. Sabe?

P. O Diquinho você virou anarquista, agora! Você num é mais socialista..

D. Anarquista eu não sou, porque eu sou contra os anarquistas!

P. É mesmo?

D. Sou! Eu já militei com eles! Eles vão muito no conselho lá da cidade, eles num ajudam, so atrapalham. Porque eles são contra organização. Eles defendem que a sociedade, na cabeça deles, num precisa de governo, se auto-governam..

P. É! Eles são contra o estado

(fim da gravação)

Diquinho V

Duração: 15:13

D. tem gente que senta atrás de mim, que veio, mas eu nunca conversei com ele! Nunca parou pra conversar...

A. eu sabia que ele o Diquinho, o cara!

D. Só isso, o Elcimar... e falei assim, cara que telefonou deve ser o lá da Grota, que tem aquelas paradas lá mas tá ligado ao Alan, já fiquei até um pouco com pé atrás também. Porque eu não sou muito ligado ao pessoal do Raízes não! Não porque eu sei que o objetivo lá, num tem objetivo de formação político nenhum! Se você quiser passar depois pra ele, pode passar! Se num quiser, fica pra você! Tá!? Mas num tem objetivo! O objetivo dele é fazer projetos, num sei o que, tal, tal... fica nisso!

P. Mas você num acha Diquinho que tem uma questão geracional, mesmo? Assim, essa questão ideológica, a minha geração pegou muito isso, ainda... Da ideologia...

D. Mas Alan tá de cabelo branco! Mais branco que o meu! Sou mais velho do que ele mas o cabelo dele é mais branco do que o meu. E quando ele me viu a primeira vez falar de Socialismo, essa coisa toda assim, ele gostou da idéia, mas depois que eu vi, quando eu vi ele, fui lá no Grupo Raízes, aí, fui a primeira vez, num sei porque, anos já atrás. Uns 6 anos, 7 anos. Aí, eu vi, embora que eles apoiassem as ideias que eu falava, Sodrake, você conheceu Sodrake?

A. Conheci só de vista!

D. Então, o Sodrake, chegamos a conversar com ele de Socialismo...

A. Sumiu, tá sumido!

D. Sumiu! Teve divergências lá do Raízes com ele...

A. Ninguém sabe notícia do Sodrake...

D. Teve divergências dele lá no Raízes, ele mermo reclamou comigo na rua aí, que botaram ele pra fora lá, ele era fundador mas num se entenderam lá na hora de um projeto de fotografia, sei lá o que... aí eles excluíram ele, aí ele caiu fora, voltou pra Manguinhos e de lá sumiu! Sabe? Sodrake eu conheço um tempão! Então, tem essa diferença minha com, eu queria puxar eles pruma coisa mais ideológica...

P. mas agora é tudo ONG, meu filho!

D. eles são mais ONG, porque a gente num é ONG, nós aqui num somos ONG! Nós já resistimos, resistimos porque se a gente virar ONG, a gente daqui um pouco tá com dinheiro do governo e tem que fazer, ficar com a preocupação da fiscalização da execução do projeto que eles deram a verba. Que afinal, é dinheiro do povo, mermo, que eles acaba liberando um pouquinho. Mas, quem pega o dinheiro num pode ficar criticando nada depois, tem que ficar quieto. Eu prefiro ser livre pra falar, do que pegar

o dinheiro e ter que ficar quieto! Eu tenho isso! A diferença minha com o pessoal, com o Alan! Alan que é o coordenador de tudo aí, Alan que é o cabeça lá do Raízes. Então, tem essa diferença...

A. Vou falar pra ele vim conversar com você, quando tiver tempo. Que num tem mais tempo...

D. Mas ele também num entra nessa de fazer um trabalho ideológico não. Um dia eu fui na palestra lá no Raízes, aí cheguei lá e cobreí. Cobreí! Cheguei lá, eles tinham feito um projeto lá, num sei você...

A. Eu to 7 meses com ele...

D. Você num tava lá não! Aí, todos os estudantes universitários do Complexo do Alemão lá, com ele! Tentou fazer um projeto com ele. Tá lá ainda, esse projeto?

A. Ele só tá com 10 universitários.

D. Eram uns universitários... aí, eu cheguei lá, fizeram a roda pra reunião, tal... sentei! Ai eu falei: Vem cá! Agora eu vou fazer uma pergunta pros alunos, os universitários, qual o compromisso que vocês vão ter depois de formados, sendo moradores, nascendo na comunidade, né? E depois de formado, a discussão sobre a sociedade que a gente vive, tá tendo isso aqui, vocês tão discutindo? Tipo assim, de onde nasci? Da onde vim? Pra onde vamos? Né!? Num tem nada disso lá... tem nada disso! Ah, num vou voltar mais aqui não! Tanto que num voltei lá... Fui lá umas 3, 4 vezes. Mas depois que senti que não era... eu andei com ele, nós criamos o Conselho Popular, a Pastoral... do lado da cidade, o pessoal mesmo fundador do Conselho Popular da cidade, daqui é o segundo conselho, é o filho do lá da cidade. Que o de lá, da Cidade, foi puxado pelo Balbez, doutor Balbez, que foi do PCB antigo, que tem quase 80 anos... Luis Balbez, Padre Luiz que é da pastoral das favelas, que é um padre mais da esquerda, é coordenador da Pastoral. É, e a gente criou o conselho popular lá, e lá a gente reunia no mesmo a coisa da pastoral de favelas, entendeu? Na mesma área da pastoral, todas as lideranças de comunidade junto ao pessoal de classe média, pessoal de esquerda, tal... Que num tão em entidade mas são conselho popular. Foi eles que mandaram colocar uma coisas lá que eu também discordo, por exemplo, eles num fala lá que a pessoa é representante. Olha só, que troço, é representante! É que as pessoas que estão presentes. Você fala isso pro movimento popular que eu conheço há 40 anos, até a pessoa entender que representante é diferente de presentante... você num vai andar com nada, num vai andar nunca! E eles continuaram insistindo, os intelectuais lá! Aqui nós num somos representantes, nós somos presentantes! Falei: Caraca! Se eu fui representante, na FAFERJ, na Associação de moradores, num sei o que.. até que eu não dou muita importância mas na associação de moradores, tem representante. Representa a comunidade! Indica tudo o que for... tu é um representante. Agora lá, intelectualmente, criaram presentante. Bate, num bate, essas coisas com quem mora dentro da favela mermo e quer fazer um trabalho, num vai colar. Uma coisa que tá sendo feita há 80 anos, é representante da comunidade tal, tal tal... Você pode até criar uma coisa diferente. O conselho popular é uma coisa que num é representante, é conselheiro. O próprio pessoal de conselho popular num manja muito. Encarar que ele é conselheiro, sabe? Sabe, ser membro conselheiro de uma coisa? Num tá na cabeça das pessoas... você se assumir como conselheiro! Qual é sua função de conselheiro?

A. Aconselhar...

D. Aconselhar e... e uma reunião de conselheiros, cada conselheiro colocar a sua idéia, tal, né!? Daí eu fui também do conselho de política penitenciária do Rio de Janeiro. Como a FAFERJ me indicou pra lá, fui pra lá pensando que era política penitenciária, cheguei lá era Conselho Penitenciário. Fiquei 4 anos lá, no governo do Moreira Franco. Acabando o Governo Brizola...

P. Vem cá, o Moreira Franco atuou aqui? Não, Miro Teixeira!

D. Era Miro! Miro, Chaguismo... Chaguismo... Batia de frente!

P. Sandra Salim?

D. Sandra Salim! No tempo da bica d'água! Tinha foto pra caramba aqui deles...

P. Bica d'água que eles botaram, foi...

D. Botaram aqui, na entrada do morro. Em toda entrada do morro do Rio de Janeiro, uma bica d'água. Eram os candidatos bica d'água. Sandra Salim, Miro, tinha um vereador que na época teve 300 mil votos! Era o Eduardo, como era o nome do cara, chamava ele de tiroteio, era o apelido dele, como que era, nego botava apelido nele por causa dele era espalhafatoso, Bang-Bang, não... era... eu sei que ele também era bica d'água. Que, a Sandra Salim era, o Miro teve 500 mil votos, a Sandra teve 300 mil... esse vereador teve 200 mil! Né!? Finzinho mesmo de governo do Chagas! Aqui na Grotta, teve um deputado de Olaria, chamava, chama, ele tá vivo aí ainda mas tá velhinho, é o Cidinho. Ele era deputado estadual, naquelas épocas do Chaguismo. Diz que ele foi jogador do Flamengo, tal! Ele tinha coragem de chegar na comunidade e dizer, acho que ele mandava fechar a água e na eleição, pra ganhar voto ele dizia: Oh, pode deixar que eu vou botar água pra vocês! Essa água vai chegar... aí mandava abrir a água. A água chegava lá na torneira dos outros. Tinha isso, com Cidinho, ele ganhou. O filho dele é candidato, chama Maninho, é candidato agora! Maninho! É filho do Cidinho! E o Cidinho uma vez, num assembléia na Joaquim de Queiroz, ele veio. Eu já era militante, nós arrumamos uma confusão com ele. Nego com supapo, pedaço de pau mermo. Porque o cara, a gente já discutia que tinha esses candidatos, de candidato enganar o povo, candidato... o primeiro candidato que veio pra cima de mim pra eu apoiar ele, veio assim: me via que eu era uma liderança na comunidade, falou... não eu quero saber qual é o programa seu de candidato.. eu já tinha já essas coisas, quero ver o que você defende, quem você diz, se tem reforma agrária, se tem isso, tem aquilo... o seu programa. Se num tiver, meu irmão! Aí ele, não mas eu vou te dar um dinheiro! Mas eu vou apoiar ninguém por causa de dinheiro não. Vou apoiar por causa do programa e da ideologia. Tanto que, logo depois, a gente apoio Délio dos Santos que é do PCB. Aí, do MR8, o Tunico veio depois vereador do MR8, Tunico você deve ter visto falar. Aí, foi o primeiro candidato que eu apoiei foi o Tunico, pra vereador. 76!

P. Mas chegava assim na lata e falava, te dou um dinheiro!

D. Chegava na lata! Fazia, faz até hoje!! Teve uma eleição passada aí que veio um candidato, deputado federal, de lá da Região dos Lagos, ele é deputado federal. Chegou aqui comprou todas as associações, na mão de bandido, todas as 13 na mão de bandido. Comprou todas as 13! Todas as campanhas dele, eu num sei quanto de voto ele levou daqui... mas ele teve isso cerca de 150 mil votos no Rio de Janeiro... ele é deputado federal lá de...

A. Alexandre Ferreira.

D. Alexandre Ferreira não... Alexandre Santos!

P. Comprou todas as associações...

D. Todas as associações. Quando tem diretoria eleita democraticamente, é mais difícil do candidato fazer isso. Porque as vezes, até dentro da diretoria tem racha. Três diretor, quatro... sempre são 13 mesmo dentro da associação.

A. Ainda existe isso?

D. Desde que o bandidos tomaram num tem eleição democrática. E mesmo que ele bota lá na ata de posse que tem 13 diretor, o estatuto da associação manda dizer que tem 13. Mas ele pode colocar lá e sem... essa eleição que ele fez... eleição que ele fez, roubou aí eleição, num fez eleição. Fez igualzinho o governo faz, federal. Deixou inscrever as

chapas mas no dia, ganhou! Disse que na hora da apuração, eu fui lá tentar falar lá e ele me proibiu de falar lá, Bororó!

P. Proibiu de falar?

D. É, peguei o microfone, quando eu fui falar.. ele: Diquinho tá falando aqui mas ele mora lá na Baiana, ele num mora aqui! Bem assim... Quer dizer, num tava pra ouvir o que eu tava dizendo. Que eu falei: Olha, no tempo que eu era da FAFERJ, a gente chegava nas associações, primeira coisa, fazia uma assembléia. Na assembléia a gente tirava uma comissão eleitoral. Entre os associados! Esta comissão, com assessoria da FAFERJ, fazia a eleição. Isso que você tão fazendo aqui, tá totalmente errado. Foram lá buscaram a FAC Rio, deram 10mil pro cara da FAC Rio. O cara chegou, não tirou comissão eleitoral da comunidade, presidiu a eleição toda, fez a eleição e elegeu Bororo de novo! E dizem que na hora da apuração, que eu nem tava lá, nem fui, que eu fiquei meio bolado, eu vou arranjar briga lá. Aí, eu fui lá, dizem que, o Neném me contou. O Neném foi um dos candidatos, num sei se você conhece o Neném. O Neném falou que um cara enfiou a mão dentro da urna, assim, com uma camisa assim... enfiou a mão dentro da urna e depois tirou a mão. O que o cara fez? Deixou 500 votos lá, já pronto. Que lá vota pro chapa, amarela, azul... é assim que voto! Chapa azul, chapa amarela...

P. 500 votos?

D. Exatamente, por uns 500 votos ele ganhou... da segunda, terceira e quarta, e ele foi pra chapa. Teve agora, ano passado, a eleição. Mas aí, ele ganhou com uma frente lá pra caramba e sumiram com o mapa de conferir. O mapa que assina, na hora que você assina, pra ir votar, o mapa sumiu! Que, a eleição correta, você marca, você conta as assinaturas que tá no mapa e tem contar os votos que tá na rua, se bater, tem que bater. Se contou 1000 assinaturas aqui, tem que ter 1000 votos lá na coisa. Ou menos, num pode ter mais. Menos pode ter. Pode um eleitor chegar lá e num botar lá dentro da urna. Mas mais num pode ter. Aí, some com o mapa e põe mais 500!

P. Diquinho, você vieram de ônibus de Minas ou de trem?

D. Nós viemos de ônibus. A Rio-Bahia ainda num era asfaltada. Era de chão ainda, era uma terra vermelha, num era asfalto.

P. Mas vocês chegaram de ônibus, né!?

D. Chegamos de ônibus! Mas veio alguma parte da mudança, veio pelo trem, veio! Porque demora... o ônibus chegava aqui com umas 10 horas, o trem era 3 dias. 3 dias lá de Caratinga aqui. Que ele dava uma volta muito grande. Passa até por Belo Horizonte. E vem, dando volta, dando volta..

P. Porque tem muita gente de Cataguazes, Caratinga...

D. É!

P. Carangola..

D. Aqui tem! Ce vê, morro dos Mineiros, só aquela mineirada que mora lá!

P. E essa mineirada chegou em que década, hein!?

D. Depois de 60. Depois de 60 pra cá, depois de 70 se bobear...

P. Você tá falando, eu acho que é depois de 70, porque você falou que você tava na associação quando o pessoal chegava e vocês mandavam pros Mineiros...

D. Mandava pros Mineiros que era tudo desocupado. Num tinha nada mermo não... lá tinha duas ou três casas. De 70 pra cá encheu o Morro dos Mineiros.

(fim da gravação)

Diquinho VI

Duração: 7:57

D. de luta em favor da causa operária mas você num pode dizer que você é isso, que você é aquilo...

P. Mas tinha gente da associação que entregava pro DOPS?

D. Tinha! Tinha! E ameaçava a gente!

A. Você se pautava...

D. Tinha que ficar se pautando, não deixar de participar em reuniões nossas, do nosso grupo da chapa azul, eles num podiam tá. E eles ainda ficavam futucando, tentando saber o que a gente discutia lá. E era um cara de origem da mesma profissão que eu sou! Mas era pro outro lado...

P. Gráfico também?

D. Gráfico também!

A. Agora, a morte do seu Teófilo foi política?

D. Não! Dizem que seu Teófilo era assim, ele não queria que tivesse bandido na favela. Tanto que ele criou a associação de moradores, quem mandava era ele. E ele era o estilo, diz que ele era guarda municipal, ele era...

P. Ele tinha um terreiro, num tinha, um centro de umbanda?

D. Num sei não! Tinha um centro de umbanda lá dentro do seu Severo, tinha o do outro, do seu coisa lá... eu fui. Mas, tinha o do seu Severo, tinha o do seu Messias... no Areal, todos deles lá no Areal.

P. Mas aí você tava falando do seu Teófilo...

D. Então, dizem que seu Teófilo ele era assim... se o cara começava a querer fumar maconha, vender maconha lá do lado. Ele pegava o cara de revolver na mão, mandava o cara ir embora. Só de mandar! Ele num gostava de coisa errada! Era um cara muito do.. mas num sabia levar nada na conversa. Ele era, tipo daqueles muito corajoso. Que, duvidar dele, ele metia logo a mão no oitão e...

P. Era da época do três oitão, né?!

D. Três oitão e ele resolvia.

P. Três oitão ou garrucha?

D. Não, era três oitão! Quando eu cheguei já era três oitão.

P. Mas você chegou, seu Teófilo ainda tava vivo aqui?

D. Não! Ele tinha morrido tinha uns meses...

P. E você chegou a conhecer o pessoal da mineira aqui?

D. Tinha mineira aqui não...

P. Porque várias pessoas falaram que os próprios moradores faziam a segurança do morro e eles chamaram de mineira...

D. Eu não me lembro esse negócio de mineira. Quando eu cheguei aqui, eu lembro que a atitude de mineira era do seu Teófilo mas ele nunca me falaram que ele era de mineira, polícia mineira que a gente fala. Mas eu nunca ouvi falar que ele era. Mas sei que ela era um cara corajoso e que tinha atitude de não querer a coisa, de botar a banca dele. E, por causa disso, o bandido matou ele. Por causa dessa coisa de... bandido é assim mesmo, bandido você num pode contrariar o tipo de negócio deles, num pode. Se você num é favor, você também fica na sua, calado e quieto! Eu passei calado e to calado até hoje! Né!? Nesse negócio do PAC aí, quase que eu morro! Eu fiz uma discussão com o pessoal, com o Bororó, quando eu vim pra casa, vi com medo pra casa. Porque eu queria saber onde tava o projeto do PAC, porque o Raízes num entra nessa luta pra valer? A gente foi na igreja, fizemos uma reunião, tiramos uma comissão pra ir atrás do projeto do PC pra saber quem vai ser removido, por onde vai passar as ruas. Tem que saber, tudo, ninguém sabia de nada. Ninguém sabia de nada e todo mundo perguntando. Se ia na associação, num dá informação... era eles que tá lá, tá lá até hoje! Aí, num dá informação, aí criamos a comunicação, aí eles foram lá na igreja brigar com a gente porque nós criamos a comunicação. Aí, depois de lá convocou uma reunião na SOS, nós fomos. Chegou na SOS, padre Luizinho veio com a gente, da pastoral das favelas, nessa

reunião entrou esses caras das outras associação e intimidou a gente. Falou: Na hora que a gente tá tomando tiro, você num criam comissão! Comissão aí pra defender morador, nem nada! Agora que nós trouxemos o PAC, vocês vem falar... Queria falar que o PAC era dele, nem sabia da onde veio o PAC! Com certeza, o PAC foi criado em Brasília pelo Lula. Pelo Lula né!? Daí ele mesmo, acho que num sabe nem... Aí, nós trouxemos o PAC, vocês criaram isso! Aí o pessoal que tava na comissão, começou a ficar com medo nessa reunião. A gente tem que sair disso, se não vão me matar. Sair disso, sair disso, sair disso... e aí os presidentes vem falando a mesma linguagem. Todos a mesma linguagem. Que são todos controlados por ele, 'precisa de comissão nenhuma, precisa de comissão nenhuma aqui! Fazer nada de PAC! As coisas tá andando'... Aí, por causa depois, acabou a reunião, eu vim embora. No outro dia falei: Vou voltar, discutir com ele! Peguei um papel que eu tenho aqui, que o avô dele era da minha chapa, tá?! Aqui, oh! Voltei lá de novo, falei: Bororó, seu avo da minha chapa, então eu não to nessa luta num é de hoje! Essa aqui, esse aqui é o avô dele, seu Nenzinho... seu Nenzinho! Seu Nenzinho é avô do Bororó! Aí, quando ele viu, chamou o irmão dele: Aqui, Diquinho trouxe uma chapa que meu avô tava na chapa! Falei: Pra você ver que eu não sou novo nisso! Você, quando fizemos essa chapa aqui, você num era nascido! Ele num era nem nascido quando a gente fez isso aqui! Aí, ele falou assim: Oh Diquinho, vamos fazer o seguinte, você fica nesse negócio aí de regularização que eu te falei. Era o Conselho Popular, o cartório, a Pastoral e a Defensoria Pública e nós estávamos no meio tentando regularizar título de quem num tinha documento nenhum de casa. Então esses órgãos todos se juntou aí no SESI, chamava os morador todo pra ir lá e a gente fazia reunião e o pessoal levava documento comprovando a propriedade do barraco, fazia um documento, tá registrado em cartório!

P. Vocês que fizeram isso?!

D. Fizemos! Fizemos pra mil e poucas casas! Aí ele falou: Você fica nisso aí, olha, você fica com coisa, como se ele é dono de alguma coisa... você fica nisso aí, nessa com o cartório e a comunidade e tal mas deixa esse negócio de comissão pra lá. Aí eu falei: puta merda.. aí, obrigou a gente acabar com uma comissão! Que é uma comissão que a gente queria saber onde ia passar as ruas. Depois disso removeram 100 barraquinhas dali da Grotá, que removeram. Mas, nós vamos dizer o seguinte, não vamos dizer que nós era contra a remoção! Nós era contra a remoção injusta! Que não fosse indenizada com o valor justo o dono do barraco. A gente queria isso! Vai sair? Vai sair! Quanto vale? Vale 10 mil, vai pagar os 10 mil! Num é negócio que vale 30, vai dá 3. Chegaram com essas conversas no inicio... valia 30, queriam dá 3! Aí, começou a ter pressão, tal, tal, tal... mas mesmo assim saiu, com apoio deles! A nossa comissão teve que acabar e foi eles que controlaram tudo! Controlaram até os apartamentos que foi feito lá embaixo, eles controlaram!

P. Controlaram né? Ganhavam apartamento...

D. Controlavam tudo! A gente num pode nem falar! Até hoje, num pode falar...

P. mas tem essa história mesmo, das associações terem recebido...

D. Num pode falar! Quer dizer, coisa limpa, honesta, você num pode falar.

(fim da gravação)